



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**ISRAEL VIEIRA PEREIRA**

**ANÁLISE DISCURSIVA DO FUNCIONAMENTO DO BOATO:  
UM GÊNERO (IM)POSSÍVEL?**

**Tubarão**  
**2016**

**ISRAEL VIEIRA PEREIRA**

**ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO BOATO:  
UM GÊNERO (IM)POSSÍVEL?**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Silvânia Siebert

Tubarão

2016

P49 Pereira, Israel Vieira, 1991-  
Análise discursiva do funcionamento do boato : um gênero  
(im)possível? / Israel Vieira Pereira ; -- 2016.  
81 f. il. color. ; 30 cm

Orientadora : Silvânia Siebert.  
Dissertação (mestrado)—Universidade do Sul de Santa  
Catarina, Tubarão, 2016.  
Inclui bibliografias.

1. Análise do discurso. 2. Boatos. 3. Interpretação de textos.  
I. Siebert, Silvânia. II. Universidade do Sul de Santa Catarina -  
Mestrado em Ciências da Linguagem. III. Título.

CDD (21. ed.) 401.41

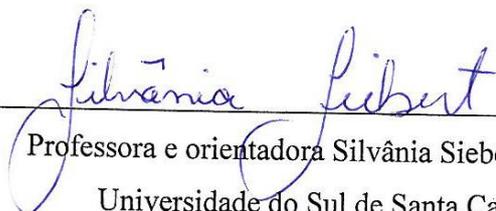
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da Unisul

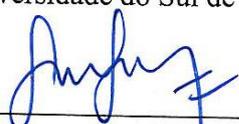
**ISRAEL VIEIRA PEREIRA**

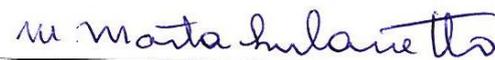
**ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO BOATO: UM GÊNERO(IM)  
POSSÍVEL?**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 17 de junho de 2016.

  
\_\_\_\_\_  
Professora e orientadora Silvânia Siebert, Doutora  
Universidade do Sul de Santa Catarina

  
\_\_\_\_\_  
Professora Silvana Mabel Serrani, Doutora  
Universidade Estadual de Campinas

  
\_\_\_\_\_  
Professora Maria Marta Furlanetto, Doutora  
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedicado a Eráclito Alírio da Silveira (*in memoriam*), princípio intelectual; Ângela Nadjaberg Ceschin Oiticica (*in memoriam*), princípio literário; e Chico Borges (*in memoriam*), princípio da maluquice-beleza.

## AGRADECIMENTOS

Apesar de praticamente abrir a dissertação, a parte de agradecimentos geralmente (acredito) é reservada para o período final de escrita acadêmica. Até porque é nesse período, após o trabalho ganhar corpo, que conseguimos refletir melhor sobre quem realmente nos apoiou nesse fim de jornada que possibilita o início de tantas outras maiores e mais ousadas.

Agradeço aos programas de Letras e de Pós Graduação da Unisul como um todo. Há sete anos eu entrava neles como um adolescente cheio de sonhos. Concluo o mestrado como um homem cheio de objetivos. Não fossem esses programas, eu não seria metade da pessoa e do profissional que sou hoje.

Consequentemente, agradeço aos meus pais, Aldo e Maria Helena, que constantemente me deram e vêm dando apoio a todas as minhas decisões e acreditarem no trabalho que realizo. No ritmo dos agradecimentos familiares, agradeço aos meus irmãos, Otávio e Guilherme, por ora discutirem comigo sobre a pesquisa, ora me ajudarem a esquecer-la um pouco. Foi saudável.

Agradeço aos colegas imaruienses de sempre, Aurino, Filipe, Humberto, Lédio, Maysa e Weslen por todas as discussões que fazemos o tempo todo defronte frondosos, gelados e bem lupulados (quando possível) copos de cerveja. Sinto-me engrandecido por compartilhar tantos bons momentos com vocês.

Agradeço ao meu *brother in arms*, Ricardo Ribeiro Elias, que lutou ao meu lado, caiu ao meu lado e se reergueu ainda mais forte ao meu lado. Obrigado por ser meu parceiro de loucura.

Agradeço à minha orientadora, a professora Silvânia Siebert, por tomar-me em braços científicos com o zelo, rigidez e amor de uma verdadeira mãe adotiva. Carregarei, gratificado, o “trauma” de uma de nossas orientações mais proveitosas pelo resto da vida.

Agradeço a todos os professores/parceiros do PPGCL por serem tão prestativos e colaborativos em todos os momentos, mas estendo um cumprimento especial aos doutores Fábio Rauen, Maria Marta Furlanetto, Jussara Bittencourt de Sá e Heloísa Juncklaus, cujas conversas desde a época da graduação sempre me fazem pensar nas atribulações e consequências, positivas e negativas, da posição de pesquisador.

Agradeço aos colegas da turma de Mestrado 2014. Acabamos não interagindo tanto quanto gostaríamos durante, mas ninguém garante como será o nosso depois. Confesso, porém, que alguns entrosamentos foram mais significativos e relevantes que outros.

A todos, minha eterna gratidão. O futuro há de nos reservar coisas boas.

“À verdade não se opõe a mentira, mas sim o erro. Para mentir é preciso conhecer-se o verdadeiro e mascarar-lo. Para errar, basta desconhecer a verdade” (Friedrich Nietzsche).

## RESUMO

Nesta pesquisa, analisamos o funcionamento discursivo de boatos para encontrar suas principais regularidades e, assim, verificar se é possível pensá-los enquanto gênero do discurso. Acreditamos que todo enunciado é passível de uma categorização mínima com base em seus efeitos e estruturas predominantes. Para que pudéssemos encontrar regularidades, decidimos, em nosso trabalho analítico prévio de construção de *corpus*, estabelecer uma comparação entre duas materialidades inseridas em condições de produção relativamente díspares para refletir sobre quais sentidos ressoam entre elas. A primeira, *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, é um livro antissemita que remonta ao século XX e que revelaria supostos planos judaicos de dominação mundial. A segunda materialidade é o vídeo *North Korea wins the group stage on the World Cup*, uma suposta propaganda manipuladora do governo da Coreia do Norte sobre a falsa participação do país na Copa de 2014. Amparam nossos estudos trabalhos de Orlandi (2012a, 2012b, 2013, 2014), que estabelecem relações entre boato e linguagem como proposta pela Análise do Discurso. Para Orlandi, o boato é uma notícia sem autoria e que não é confirmada por nenhuma instituição legitimada nos círculos sociais. Para localizar as recorrências de ambos os boatos, empregamos uma análise textual firmada no trabalho de Serrani (2002) acerca das ressonâncias discursivas, em que se propõe que os sentidos são construídos com base na repetição de certos índices. Verificamos que o boato estereotipa o sujeito e desambigua as relações entre o homem e o mundo através de uma estrutura contraditoriamente ambígua. Concluimos que o boato pode ser identificado como um gênero não tópico do discurso, pois suas características não são socialmente consagradas, devendo ser predeterminadas pelo pesquisador em seu movimento de análise.

Palavras-chave: Boato. Discurso. Interpretação.

## ABSTRACT

In this research, we analyse how rumors work discursively to find their main regularities and verify if it is possible to think about them a discursive genre. We believe that every utterance can receive a minimal categorization if we take in consideration its predominant effects and structures. To find those regularities, we decided, in our pre-analytic work of *corpus* build, to compare two discursive materialities with relatively different production conditions to think about how meanings resonate among them. The first materiality, *The Protocols of the Learned Elders of Zion*, is an anti-semitic book from the 20th century which reveals supposed world domination plans by the Jews. The second materiality is the video *North Korea wins the group stage on the World Cup*, a supposed manipulative propaganda from North Korea's government about a fake participation of the country in the 2014 World Soccer Cup. Our research is based on Orlandi (2012a, 2012b, 2013, 2014), establishing connections between rumor and language as it is proposed by the Discourse Analysis. According to Orlandi, the rumor is a news that does not have an author and that is not confirmed by any legitimate institution in society. To find recurrences in both texts, we did a textual analysis based on the works of Serrani (2002) about discursive resonances, who suggests that the meanings are built through the repetition of certain elements. We verified that the rumor stereotypes the subject and remove ambiguities in the relationship between men and the world via a contradictorily ambiguous structure. We concluded that the rumor can be identified as a non-topic genre of discourse, since its characteristics aren't socially known. Such characteristics need to be predetermined by the researcher in his analysis.

Keywords: Rumor. Discourse. Interpretation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Texto de Imagem 1 – Capa dos Protocolos dos Sábios de Sião da Revisão Editora.....	45
Texto de Imagem 2 – Kim Jong-Un é ovacionado pela torcida brasileira .....	58
Texto de Imagem 3 – Metro Divulga a Notícia.....	60
Texto de Imagem 4 – Bandeira da Coreia do Norte .....	63
Texto de Imagem 5 – Captura de tela da Página principal do Korea News Backup.....	63
Texto de Imagem 6 – Primeiro vídeo do Korea News Backup.....	64
Texto de Imagem 7 – Desfile de 1979 da Revolução de Outubro.....	64
Texto de Imagem 8 – Começo do vídeo e sua seção de vídeos relacionados .....	67
Texto de Imagem 9 – Início do vídeo com legendas ativadas.....	68
Texto de Imagem 10 – Torcida Norte-Coreana.....	69
Texto de Imagem 11 – Gols da Coreia do Norte.....	69
Texto de Imagem 12 – Kim Jong-Un ovacionado em Copacabana .....	70
Texto de Imagem 13 – Placares dos jogos anteriores.....	71
Texto de Imagem 14 – Monumentos aos governantes da dinastia Kim.....	72

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>DA ANÁLISE DO DISCURSO:.....</b>	<b>18</b>
2.1	DOS GÊNEROS DISCURSIVOS .....	23
2.2	DAS RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS .....	26
<b>3</b>	<b>EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO PARA BOATO.....</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>(IN)DECIFRANDO A VERDADE E SUA RELAÇÃO COM A MÍDIA .....</b>	<b>35</b>
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO.....</b>	<b>41</b>
5.1	CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DOS PROTOCOLOS.....	41
5.2	MACROESTRUTURA DA EDIÇÃO BRASILEIRA.....	44
5.3	ANÁLISE DO CAPÍTULO XVI DOS PROTOCOLOS.....	54
<b>6</b>	<b>ANÁLISE DO BOATO COREIA DO NORTE CAMPEÃ DA COPA DE 2014.....</b>	<b>58</b>
6.1	CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DO BOATO .....	58
6.2	ANÁLISE MACROESTRUTURAL DO BOATO .....	61
6.3	ANÁLISE DO VÍDEO DA ATUAÇÃO DA COREIA DO NORTE NA COPA.....	66
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO: O BOATO É UM GÊNERO (IM)POSSÍVEL? .....</b>	<b>73</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>78</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta dissertação – que faz parte das pesquisas feitas pelo Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso: Pesquisa em Ensino (GADIPE) da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) – propomo-nos a analisar discursivamente dois boatos: **Os Protocolos dos Sábios de Sião** – reproduzido na forma de livro e cujas origens remontam ao início do século XX – e o vídeo em que **a Coreia do Norte chega às finais da Copa**, veiculado no século XXI. A escolha desses dois boatos se deve, primariamente, à sua relevância nos âmbitos da história e da mídia. Os efeitos dos *Protocolos* são sentidos até hoje na forma de discursos antissemitas, enquanto que o vídeo falso da Coreia do Norte foi difundido de maneira viral pela Internet, alcançando cerca de 10 milhões de visualizações e sendo comentado em portais de grandes canais de comunicação, como *Globo* e *Record*.

Amparam nossa pesquisa os estudos da análise do discurso, responsáveis pela ligação entre linguagem, subjetividade e exterioridade. Dentre os autores da área que mobilizaremos, estão Orlandi (2010, 2012a, 2012b, 2013), Pêcheux (2014, 2015), Courtine (2006, 2009), Serrani (2002, 2005, 2006) e Possenti. Pêcheux, ao fundar a análise do discurso, demonstra uma postura crítica em relação aos estruturalistas de seu tempo ao propor que a prática analítica do que constitui o sujeito não deveria se desvincular dos estudos da língua. Sua reflexão toma como base o materialismo histórico – a partir do qual ele pensará as condições de produção de uma língua, as relações de luta entre as ciências, e a relação entre ideologia e assujeitamento (estas últimas considerações com base nos estudos do filósofo marxista Louis Althusser) –, a psicanálise e a linguística. Por relacionar campos diversos para a constituição das análises, a análise do discurso é trabalhada como disciplina de entremeio.

No Brasil, a análise do discurso é apresentada e difundida por Eni Orlandi. Linguista de formação, Orlandi trabalhará com uma grande diversidade de *corpora* em suas análises e com os efeitos do silêncio na linguagem. Em uma de suas obras, Orlandi trata brevemente sobre os boatos sob uma perspectiva discursiva, o que nos ajuda a situar essa pesquisa dentro da análise do discurso, possibilitando-nos recorrer a outros materiais de áreas variadas para apreender as especificidades do boato. Atuando como teoria de entremeio, a análise do discurso fornece ao pesquisador a possibilidade de construir um aparato teórico e metodológico que admite autores de outras áreas, desde que haja fundamentação para tal.

A mobilização desses autores se faz necessária porque o discurso é um objeto inerentemente complexo. A formação de seus sentidos depende de fatores de inúmeras ordens, incluindo outros discursos. É na reflexão sobre a complexidade inerente ao discurso e

às inúmeras vezes que o compõem que a análise do discurso trabalhará com uma perspectiva diferente em relação à ação do analista. Propõe-se a montagem de uma metodologia de análise e leitura a partir da especificidade do *corpus* de pesquisa, pois “em análise do discurso (AD), não existe um modelo que se aplique automática e indiferenciadamente a todo e qualquer discurso. Vale dizer que a definição de metodologia utilizada na análise de um discurso específico implica mais uma vez a análise” (INDURSKY, 2013, p. 59). Portanto, a reunião do *corpus* e o estabelecimento de uma metodologia já são um gesto prévio de análise partindo do analista. Apesar de nesta dissertação concordarmos que é possível criar um dispositivo de análise adequado às materialidades estudadas, também tomamos de Jean-Jacques Courtine (2006) o conceito de que toda pesquisa em AD precisa passar por três etapas.

Em um primeiro momento, deve-se realizar o fechamento de um espaço discursivo de análise. É a constituição do *corpus*, que por si só integra um movimento de análise prévio amparado pelos objetivos de pesquisa. Desse modo, para que possamos falar de nossos recortes, é importante primeiro destacarmos os objetivos e a hipótese, que nortearão o estabelecimento de um *corpus* e de uma metodologia. Neste estudo temos como **objetivo geral** discutir as condições de produção de boatos de épocas diferentes para identificar suas similaridades de funcionamento. Os **objetivos específicos** consistem em: debater se é possível ou não tomar o boato como gênero discursivo, como caracterizado por Bakhtin (2011) e Maingueneau (2015), analisar como os sentidos dos boatos ressoam discursivamente e pensar a relação entre ideologia e boato na constituição dos sentidos. Trabalhamos com a hipótese de que **há determinadas semelhanças nos boatos em geral que nos permitem classificá-lo enquanto gênero.**

Nosso *corpus* será constituído por dois boatos e determinados textos relacionados a eles. Em um primeiro momento, faremos a análise d’*Os Protocolos dos Sábios de Sião*, recortando especificamente o capítulo XVI em função dos discursos acerca da **manipulação e ensino pela imagem**, um tipo de discurso que reforça um pré-construído que ressoará no segundo boato a ser analisado. Trata-se de um vídeo que se tornou viral em 2014 (LOPES, 2014), chamado *브라질 2014 - North Korea wins the group stage on World Cup – 북조선 [Subtitles 자막]*”, publicado pelo canal “Korea News Backup” em 11 de julho de 2014 e suas respectivas legendas. Em conjunto com o vídeo, traremos à baila uma notícia veiculada pela página de jornalismo da Record na Internet e os comentários de dois leitores apresentados pelo criador do boato, Maurício Cid Fernandez Moraes.

A escolha desses dois boatos se deve às fortes diferenças que ambos têm em relação às suas condições de produção. Enquanto *Protocolos* é uma obra escrita que data do final do século XIX, o boato da Coreia do Norte nas finais da Copa de 2014 é um trabalho em vídeo veiculado no século XXI pela internet, um meio de comunicação altamente dinâmico e veloz. Acreditamos que a comparação entre esses dois boatos tão diferentes pode trazer à tona as marcas discursivas características do boato, o que talvez permita sua subsequente classificação enquanto gênero. Outro fator importante para a montagem deste *corpus* em específico foram algumas relações imediatas de semelhança entre eles – ambos falam de povos específicos e característicos; ambos estão ancorados em discursos políticos.

Definido o *corpus*, é preciso aplicar um procedimento linguístico-gramatical ao texto. Como defende Courtine (2009, p. 29), “caso se formule a hipótese de uma estrutura do discurso, reconhecível na coocorrência e na recorrência de certos elementos, *essa estrutura deve ser gramaticalmente caracterizada*”. Trata-se de um trabalho efetuado primariamente sobre o intradiscurso e que nos possibilitará descobrir que ferramentas linguísticas são usadas para construir boatos. Nesse sentido, será útil o trabalho de Serrani (2005, 2002) sobre as **ressonâncias discursivas**, que receberão um tratamento mais adequado na seção 1.2, e acerca da análise macroestrutural do discurso. Segundo a autora (2006, p. 100), analisar a macroestrutura de um texto significa observar “a existência de partes, estudos preliminares, posfácios, notas bibliográficas, apêndices, etc.”.

Por fim, é preciso fazer a relação entre o linguístico e a exterioridade. Nesse sentido, Courtine (2009, p. 30) propõe as questões que precisam ser respondidas pela análise:

quem fala, qual o sujeito do discurso, e como é possível caracterizar a emergência do sujeito nos discursos? Do que fala o discurso, como *identificar* dentro dele a existência de temas determinados? Em quais condições, enfim, o discurso é produzido, mas também compreendido e interpretado? Em que medida tais condições inscrevem-se na relação do discurso à língua

Cabe ressaltar que Courtine adotava as Formações Discursivas como critério de análise. Entretanto, não adotamos tal critério, dando foco às Condições de Produção como princípio de análise em vez disso – tais como os meios pelos quais os boatos se reproduzem.

Para comentar os meios pelos quais os boatos se reproduzem, trataremos principalmente as considerações de Patrick Charaudeau (2013) sobre mídia para tratarmos da circulação e produção dessa espécie de materialidade. Quanto a detalhes histórico-contextuais, utilizaremos os estudos de Eco (2014), Eisner (2006) e Rosenfeld (2011) para trabalhar com as circunstâncias históricas de criação dos *Protocolos*, enquanto que Lopes

(2014) e Morais (2014) contextualizarão o vídeo da Coreia do Norte nas finais da Copa. Além disso, achamos conveniente trazer diferentes concepções filosóficas de verdade para problematizá-la tendo em vista a ação dos boatos na sociedade. Para isso, teremos como base as reflexões de Chauí (2004) e Arendt (2011). Fatores externos de lógica discursiva – como reflexões sobre condições de produção, intradiscurso-interdiscurso, ideologia, memória, silêncio – serão debatidos a partir dos estudos de Eni Orlandi (2008, 2010, 2012a, 2012b, 2013), Dominique Maingueneau (1997, 2014, 2015) e Michel Pêcheux (2014, 2015).

Iremos dividir esta dissertação nos seguintes capítulos, além desta Introdução:

No **capítulo dois** – *Da Análise do Discurso* – debateremos sobre os princípios teóricos da análise do discurso, dando fundamentação à pesquisa que se seguirá.

No **capítulo três** – *Em busca de uma definição para boato* –, nos dedicaremos fundamentalmente a um trabalho mais aprofundado sobre as características discursivas do boato e a atividade das mídias, conjugando os dois de forma a explicitar a relação entre um e outro. Pretendemos discutir o papel da mídia na sociedade, a noção de informação, as condições de produção do boato, os silenciamentos que o constituem e sua relação com o(s) discurso(s).

No **capítulo quatro** – *(In)decifrando a verdade em sua relação com a mídia* – trabalharemos com o conceito de verdade, buscando compreender os efeitos de sentido que os boatos provocam. Comentaremos as definições de verdade; a diferença entre verdade filosófica e fatural, o status subjetivo da verdade dentro dos parâmetros discursivos e filosóficos, a verdade como garantia de sentido.

No **capítulo cinco** – *Análise dos Protocolos dos Sábios de Sião* –, faremos a análise macroestrutural e discursiva dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, com comentários de Gustavo Barroso, na reedição de 1989 feita pela Editora Revisão. Analisaremos os termos que ressoam nesse boato e o reforçam, que conhecimentos o autor mobiliza, que comentários e textos amparam a obra, que vozes legitimam esse boato.

No **capítulo seis** – *Análise do boato Coreia do Norte Campeã da Copa de 2014* – analisaremos o vídeo *브라질 2014 - North Korea wins the group stage on World Cup - 북조선 [Subtitles 자막]*. A análise se dará num nível macroestrutural – focando nas ferramentas utilizadas para publicação, os vídeos relacionados, a descrição da publicação –, discursiva e imagética, elaborando uma discussão que conjugará o estudo das legendas com as imagens do vídeo, além de uma notícia e um comentário sobre ele.

No **capítulo sete** – *O boato é um gênero (im)possível?* – compararemos os dois boatos para podermos averiguar que similaridades eles dividem. Através dessa análise comparativa, pretendemos fazer um levantamento de quais características são constantes nos boatos e tentar estabelecer seu lugar enquanto gênero discursivo.

## 2 DA ANÁLISE DO DISCURSO:

A pesquisa será amparada pelo aparato teórico e metodológico proposto pela Análise do Discurso. Como conta Denise Maldidier (2003), a Análise do Discurso (AD) é uma disciplina elaborada originalmente pelo linguista e filósofo Michel Pêcheux em 1969, em conjunto com o psicanalista Michel Plon e com o matemático e linguista Paul Henry. Ela reúne aspectos do materialismo histórico e da Psicanálise, fazendo um trabalho filosófico sobre a língua em relação à construção da história e da sociedade. Tendo em vista tais conceitos, a AD se contrapõe a Saussure, Chomsky, Jakobson e aos estruturalistas em geral ao propor que o sujeito e os contextos sócio-históricos não podem ser excluídos do campo de estudos linguísticos, visto que a produção de sentidos e a interpretação do simbólico estão relacionadas a uma subjetividade fundadora que não é atingida quando se leva em consideração apenas teorias ligadas ao sistema abstrato da língua. Como aponta Pêcheux (2011, p. 101), a posição epistemológica da AD supõe “a existência da língua não como puro sistema (o programa de um órgão mental!), mas como um real específico, que forma o espaço contraditório do desdobramento das discursividades”.

Por estarmos lidando com uma materialidade que coloca em jogo uma discussão filosófico-discursiva sobre verdade, subjetividade, sociedade e linguagem e não desejarmos desvincular um fator do outro, acreditamos que a análise do discurso – atuando como teoria de entremeio –, atende aos nossos objetivos de pesquisa, já que o analista de discurso

[...] associa intimamente língua (mais amplamente, os recursos semióticos disponíveis em uma sociedade), atividade comunicacional e conhecimento (os diversos tipos de saberes, individuais e coletivos, mobilizado na construção do sentido dos enunciados). Fazendo isso, a análise do discurso se distingue de outras disciplinas, que privilegiam uma só das três dimensões: os sociólogos acentuam a atividade comunicacional; os linguistas privilegiam o estudo das estruturas linguísticas ou textuais; os psicólogos enfocam as modalidades e as condições de conhecimento. (MAINGUENEAU, 2015, p. 30)

Ciente dos processos de assujeitamento ideológico e da constituição interdiscursiva da língua, o analista mobilizará conhecimentos para interpretar os *corpora*. O trabalho do analista, segundo Orlandi (2012a, p. 85),

é determinado pelo dispositivo teórico enquanto o gesto do sujeito comum é determinado pelo dispositivo ideológico. [...] Nos dois gestos temos mediação. Mas a mediação da posição construída pelo analista não reflete, ao contrário, trabalha a questão da alteridade. Na mediação do dispositivo ideológico, o sujeito está sob o efeito do apagamento da alteridade (exterioridade, historicidade): daí a ilusão do sentido lá, de sua evidência.

Para a análise do discurso, a língua não pode ser vista como um código a ser decifrado ou uma simples ferramenta, mas também não pode ser tomada apenas como fruto de uma circunstância comunicacional. A língua, com suas instâncias subjetivo-sociais, é aqui entendida como o meio pelo qual o que chamaremos de “discurso” se materializará.

Eni Orlandi define discurso como “efeitos de sentido entre locutores” (2013, p. 21). Trata-se de um “efeito” por dar fundação a uma relação contraditória de causas-consequências em que o discurso afeta o sujeito, que afeta o mundo à sua volta, que afeta o discurso. Por ser (in)definido na sua relação com os sujeitos, o significado dos discursos não pode ser facilmente localizado e interpretado por esta ou outra teoria, mas a formação dele pode ser melhor problematizada tendo em vista a participação da história e do sujeito. Como explica Possenti (2013, p. 359):

Em suma: a AD não aceita que palavras, expressões ou estruturas sintáticas pudessem ter sido uma garantia de sentido, que a linguística histórica recuperaria. Nem que os autores de outros tempos pudessem ter dito tudo e só o que queriam, bastando conhecê-los e à sua época para decifrar o sentido de um texto.

Por consequência, não cabe ao analista do discurso revelar o “verdadeiro” significado das palavras, mas “situar (compreender) – e não refletir – o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido” (ORLANDI, 2012a, p. 83). Com esta pesquisa, portanto, não se quer verificar se os boatos são necessariamente verdadeiros ou falsos, nem “enxergar as intenções” de quem os produziu. Argumentamos que nossa proposta é pensar como os boatos, tomados como discurso, produzem sentidos dentro de dadas conjunturas.

A relação entre conjuntura e discurso é representada aqui pela tese das condições de produção. As condições de produção podem ser tomadas “em sentido restrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2013, p. 30). Analisar o discurso, portanto, significa fazer um levantamento das instâncias subjetivas, históricas, culturais e materiais na criação de enunciados. Essas condições de produção dão sustentação a uma tomada materialista de lugares no discurso. Em outras palavras, ao interpretar e enunciar, pressupõe-se que o sujeito está inserido em uma **posição**. Como afirma Possenti (2013, p. 367-368):

O que confere ou garante o sentido ao que um enunciador diz não é o contexto imediato em que está situado e ao qual se ligariam certos elementos da língua

(embreadores) ou certas características do enunciado (implícitos), mas as posições ideológicas a que está submetido e as relações entre o que diz e o que já foi dito da mesma posição, considerando, eventualmente, ou em geral, que ela se opõe a uma que lhe seja contrária.

Conclui-se, a partir disso, que as CP determinarão e serão determinadas pelas **posições** que o sujeito irá tomar ao se expressar; posições essas que dão um peso diferente às palavras do enunciador. Uma notícia dada por um sujeito inscrito na posição “jornalista”, por exemplo, tende a ter maior credibilidade que a divulgada pelo sujeito inscrito na posição “comediante”. Essas posições são construídas historicamente e somente possuem sentido quando comparadas umas às outras. Ao falarmos, projetamos tais posições e tentamos nos imaginar no lugar do outro. Como explica Orlandi (2013, p. 61):

Não se pode falar do lugar do outro; no entanto, pelo mecanismo da antecipação, o sujeito-autor projeta-se imaginariamente no lugar em que o outro o espera com sua escuta, e, assim, “guiado” por esse imaginário, constitui, na textualidade, um leitor virtual que lhe corresponde, como um seu duplo.

Poderíamos comparar metaforicamente tais posições a papéis interpretativos, sendo que cada ator possui um roteiro pelo qual ele deve conduzir sua atuação e que já é mais-ou-menos conhecido pelos outros atores envolvidos. Fazendo essa espécie de analogia, o teórico Dominique Maingueneau elaborará o conceito de encenação discursiva.

Maingueneau (1997) afirmará que a noção de condições de produção, por si só, não consegue dar conta de todos os aspectos externos à língua que constroem seu significado. A partir disso, ele elaborará o conceito de **encenação**, que, como interpreta Orlandi, remete à noção de que “o que funciona no discurso é um conjunto de ‘lugares’ que são determinados por uma topografia social nas quais os sujeitos se inscrevem e que funcionam imaginariamente no discurso (em relação com a posição-sujeito)” (ORLANDI, 2012a, p. 154). Desse modo, o estabelecimento de uma **cena enunciativa** implica a obediência a certas regras e a adoção de papéis tomando-se em conta a posição dos outros sujeitos participantes, de maneira que sujeito e exterior se constituem juntos. A análise do discurso defenderá que esses sujeitos, que assumem posições e significam na comunicação, interpretam e são interpretados por uma **ideologia**.

O conceito de ideologia em análise do discurso, conforme Malidier (2003), adquire forma a partir das reflexões de Althusser (1983), que postula que a ideologia inevitavelmente interpela o indivíduo em sujeito e redireciona suas ações a partir disso, o que daria um caráter material e histórico a esse aparato inconsciente. A análise do discurso

trabalhará com uma noção semelhante, porém dará maior enfoque à dimensão linguística da ideologia. Conforme Pêcheux (2014, p. 138-139):

Contentar-nos-emos em observar que o caráter comum das estruturas-funcionamento designadas, respectivamente, como *ideologia* e *inconsciente* é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências “*subjetivas*”, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito”.

O funcionamento do discurso, portanto, dissimula o funcionamento da ideologia e produz “evidências”: fragmentos de um sentido que é pensado como unívoco pelo sujeito e livre de falhas. “Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. [...] Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência.” (ORLANDI, 2013, p. 46). Para o boato, o funcionamento ideológico de criação de “evidências subjetivas” é fundamental para criar a percepção de que ele é real e transparente: “Sintoma de que ‘aí’ há sentidos, o boato é uma resposta discursiva à necessidade de significar, trabalhando a articulação entre causa e consequência” (2012b, p. 145). Se o mundo ganha uma ordem lógica por conta do efeito ideológico, a interpretação do boato enquanto verdadeiro ou falso é um dos frutos desse efeito.

A ideologia é um dos aspectos fundadores do efeito de evidência, dando sustentação ao preceito teórico dos **esquecimentos de número um e dois**, e é por eles que o sujeito atuará sob a ilusão de uma língua transparente. O esquecimento de número dois é representado pela ilusão da literalidade, pois “produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo” (2013, p. 35). O discurso, por esse esquecimento, é percebido como representação fiel da realidade, descrição precisa de fatos e sentimentos. Por conseguinte, o esquecimento número um trata “da instância inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos” (ibidem, p. 35). Os sujeitos não têm consciência de que os sentidos são originados da consonância dos discursos dentro de dadas condições de produção. Conclui-se a partir daí que os sujeitos moldam suas vivências com a realidade e a subjetividade a partir da interpretação, formulação e reformulação dos discursos. Como aponta Maingueneau (2015, p. 29):

O sentido de que se trata aqui (na análise do discurso) não é um sentido diretamente acessível, estável, imanente a um enunciado ou a um grupo de enunciados que estaria esperando para ser decifrado: ele é continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas. Essa construção do sentido é, certamente, obra de indivíduos, mas de indivíduos inseridos em configurações sociais de diversos níveis.

Se os sentidos dependem dos discursos e de sujeitos inseridos em certas posições, é conveniente afirmar que o trabalho da memória é um dos pilares da discursividade. Como defende Orlandi (2013, p. 31), é a memória discursiva

que produz o efeito de evidência, e da unidade, sustentando sobre o já dito os sentidos institucionalizados, admitidos como “naturais”. Há uma parte do dizer, inacessível ao sujeito, e que fala em sua fala. Mais ainda: o sujeito toma como suas as palavras da voz anônima produzida pelo interdiscurso (a memória discursiva).

A memória angaria os discursos e os conecta, produzindo sentidos pela relação de semelhança/oposição entre um discurso e outro. Essa relação entre discursos, que constroem o sujeito e os sentidos, é trabalhada em análise do discurso a partir das noções de **intradiscurso** e **interdiscurso**. O intradiscurso está ligado à questão da formulação dos sentidos – o encadeamento de palavras, a montagem da imagem, etc.. Dessa forma, o intradiscurso aparece “como o lugar onde se realiza a *sequencialização dos elementos do saber*” (COURTINE, 2009, p. 101). O intradiscurso representa o discurso já materializado e em circulação: é a materialidade analisável gramatical e sintaticamente. Já o interdiscurso é a materialidade subjetiva que caracteriza a formação do sujeito:

O discurso só adquire sentido no interior de um imenso *interdiscurso*. Para interpretar o menor enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os outros tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras. O simples fato de organizar um texto em um gênero (a conferência, o jornal televisivo...) implica que o relacionemos com os outros textos do mesmo gênero; a menor intervenção política só pode ser compreendida se se ignorarem os discursos concorrentes, os discursos anteriores e os enunciados que então circulam nas mídias. (MAINGUENEAU, 2015, p. 28)

O papel do interdiscurso na criação de boatos é o da legitimação desses textos enquanto verdades. O interdiscurso “faz emergirem os discursos disponíveis, tornando visíveis as discursividade que ‘rodeiam’ um sítio de significação. Gestos de interpretação latentes em um estado social” (ORLANDI, 2012b, p. 137). Interpretar um boato implica levar em consideração vários outros discursos que, estando “disponíveis”, dão consistência ao boato e, até certo ponto, tornam-no verificável. É analisá-lo pela heterogeneidade que lhe é

constitutiva (REVUZ, 1984); heterogeneidade que pode se mostrar na textualidade na forma de citações, aspas e outros elementos intradiscursivos.

No que se refere à cadeia intradiscursiva, o boato produz efeito a partir de “palavras não asseveradas” (ORLANDI, 2012b, p. 136). Nesse sentido, descrições imprecisas e genéricas, artigos indefinidos e sujeitos indeterminados são marcas localizáveis nos boatos e nos discursos referentes a ele. Na recorrência, as palavras (re)significam e retomam ou reforçam sentidos, constituindo os sujeitos e a história e formando o que Serrani (2005) chamará de **ressonâncias discursivas**, conceito que será estudado estudadas com maior cuidado na seção 2.3 deste trabalho.

Aqui, torna-se importante salientar que não se analisa somente o que está disposto na cadeia intradiscursiva. Tudo aquilo que é silenciado, permanece ausente, é significativo na produção, circulação e interpretação de boatos e de outros discursos. Sob esse viés, Orlandi (2010) possui uma extensa obra sobre o envolvimento do silêncio na produção de sentidos. Segundo ela, o silêncio é elemento fundador do sentido e não pode ser considerado um espaço vazio entre um ato comunicativo e outro na perspectiva discursiva. O silêncio significa, mesmo não sendo diretamente observável. Sobre isso, diz Orlandi (2010, p. 47):

É a incompletude que produz a possibilidade do múltiplo, base da polissemia. E é o silêncio que preside essa possibilidade. A linguagem empurra o que ela não é para o “nada”. Mas o silêncio significa esse “nada” se multiplicando em sentidos: quanto mais falta, mais silêncio se instala, mais possibilidades de sentidos se apresentam.

Desse modo, diz-se em AD que a língua é falha por apresentar brechas, espaços em branco, silêncios. Não há espaço para conclusões que subjuguem esse silêncio fundador. Ainda assim, o sujeito tenta preencher essas lacunas da língua de algum modo, pois “tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja)” (ORLANDI, 2012a, p. 29-30).

## 2.1 DOS GÊNEROS DISCURSIVOS

Por estarmos trabalhando para definir as regularidades dos “discursos dos boatos”, poderíamos argumentar que nosso objetivo fundamental é tipificar os “boatos” enquanto gêneros, identificando quais funcionamentos e efeitos ressoam entre eles. Machado (2015, p. 158) defende que o gênero “é dispositivo de organização, troca, divulgação, armazenamento, transmissão e, sobretudo, de criação de mensagens em contextos culturais específicos”. Sendo assim, tal como defende a AD, o gênero não é uma criação de todo espontânea, mas um produto da interação dos sujeitos com suas condições de produção específicas. Os estudos

sobre gênero remontam à *Poética* Aristotélica e se renovam a partir de Bakhtin, que analisa esta questão pela perspectiva dialógica. Segundo Mikhail Bakhtin (2011, p. 289):

Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetual. A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. É o primeiro momento do enunciado que determina as suas peculiaridades estilístico-composicionais.

Dessa maneira, o gênero é um movimento do autor para adequar seu discurso a um meio: o gênero dá uma estrutura ao discurso e, conseqüentemente, direciona seus efeitos (sem jamais controlá-los inteiramente). Podemos entender que o gênero, portanto, “é constituído pelo conjunto das características de um objeto e constitui uma classe à qual o objeto pertence. Qualquer outro objeto tendo essas mesmas características integrará a mesma classe” (CHARAUDEAU, 2013, p. 204). O gênero fala antes do enunciado, produzindo seus sentidos de antemão e orientando a interpretação do sujeito: uma notícia produz um efeito diferente de uma crônica. Porém, o gênero não basta por si próprio para significar – sua relativa estabilidade ainda está sujeita à discursividade. Por isso, propomos a existência de uma ligação entre gêneros e condições de produção se aceitarmos que elas também tratam de “situações ritualizadas [...] que, embora institucionalizados, supõem interlocutores que conhecem e seguem regras ‘convencionais’” (POSSENTI, 2013, p. 367). Os gêneros implicam uma prática ritualizada que remete a certos significados e gera determinados sentidos de acordo com a situação. Exemplificando: uma notícia veiculada por um site que trabalha com o gênero “piada” pode não ter tanta credibilidade quanto uma veiculada por um site que se dedica exclusivamente ao gênero “notícia”. Porém, a notícia veiculada pelo site humorístico só obtém o efeito projetado do riso por trabalhar com um gênero (e os pré-construídos que carrega) fora de seu lugar-comum de uso. Conforme defende Maingueneau (1997, p. 36):

O fato de que um texto seja destinado a ser cantado, lido em voz alta, acompanhado por instrumentos musicais de determinado tipo, que circule de determinada maneira e em certos espaços..., tudo isto incide radicalmente sobre seu modo de existência semiótica. A cada gênero associam-se momentos e lugares de enunciação específicos e um ritual apropriado. O gênero, como toda instituição, constrói o tempo-espaço de sua legitimação. Estas não são “circunstâncias” exteriores, mas os pressupostos que o tornam possível.

Desse modo, a localização e subsequente discussão sobre as condições de produção de um discurso e de suas regularidades pode ajudar o pesquisador a encontrar o gênero ao qual esse discurso pertence. Isso permite estabelecer quais efeitos se repetem – ressoam – na esfera do histórico-social, quais recursos os autores mobilizam e quais construções são recorrentes.

Para determinar um gênero, é necessário produzir um efeito de especificidade através de uma delimitação restritiva. Como defende Charaudeau (2013, p. 205): “O grau de generalidade das características textuais tem igualmente sua importância porque quanto mais gerais forem, menos são discriminantes”. Para especificar os gêneros, Bakhtin (2011) pensará em gêneros primários e secundários. Os gêneros primários estão ligados à oralidade ou ao coloquial – conversações informais, troca de ideias, debates. Os gêneros secundários são mais complexos e formais: textos técnicos, jornalísticos e científicos integram esse grupo. Por sua vez, Maingueneau (2015, p. 66) propõe que os gêneros

só adquirem sentido quando integrados a unidades de classe superior, os *tipos de discurso*. Na análise do discurso francófono, o uso dominante é o do termo “tipo de discurso” para designar práticas discursivas ligadas a um mesmo setor de atividade, agrupamentos de gêneros estabilizados por uma mesma finalidade social: tipos de discurso administrativo, publicitário, religioso... Um panfleto político, por exemplo, é um gênero de discurso a ser integrado em uma unidade mais complexa, constituída pela rede dos gêneros decorrentes do mesmo tipo de discurso, no caso, o político.

Estando ligados a tipos, os gêneros estão suscetíveis a mudanças composicionais e podem adquirir novos sentidos com o passar dos anos e a sofrer mudanças nas condições de produção, porque o discurso “é sempre incompleto assim como são incompletos os sujeitos e os sentidos” (ORLANDI, 2012b, p. 92-93). Para estabelecer um gênero discursivo, estabelecer sua tipologia e discutir seus efeitos, faz-se necessária uma análise aprofundada do *corpora* de pesquisa e a demarcação das suas condições de produção. Charaudeau (2013, p. 211) aponta que “os gêneros inscrevem-se numa relação social de reconhecimento, trazendo uma codificação que lhes é própria [...] e podem então variar de um contexto a outro [...] e de uma época à outra”. É o que defende Siebert (2012) em seu trabalho sobre o gênero crônica. Siebert discute como um gênero se atualiza com o passar do tempo, mantendo sentidos predominantes ressoando na cadeia discursiva. Nesta pesquisa, portanto, é fundamental estudarmos as condições de produção dos elementos dos *corpora* envolvidos para analisar as mudanças, peculiaridades e semelhanças que nos permitam definir se o boato pode ser considerado um gênero – dotado de significados, efeitos e sentidos próprios. Para tanto, será necessário determinar uma lógica própria de funcionamento desses textos, e isso remete,

como propõe a AD, a discussões em nível histórico, social e de linguagem. Em outras palavras, remetemos a uma questão que reúne condições de produção, interdiscurso e intradiscurso. Na busca por regularidades nesses três níveis, nos será útil a tese das ressonâncias discursivas, que trata justamente do que se repete e se (re)significa no discurso e na história.

## 2.2 DAS RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS

Como proposto por Courtine (2009), uma análise discursiva passa por três etapas: reunião do *corpus*, análise gramático-textual e, finalmente, análise da exterioridade. Pressupõe-se que um discurso apresenta regularidades identificáveis em sua construção. Regularidades essas que o caracterizam desta ou daquela maneira. Estudaremos essas regularidades enquanto **ressonâncias discursivas**, que lidam “com marcas linguístico-discursivas recorrentes para construir a representação dos sentidos predominantes na textualidade” (SERRANI, 2002, p. 292). Neste subcapítulo, daremos um breve enfoque a essa noção teórica.

Para a análise do discurso, o texto não é o objeto único de análise, devendo ser tratado “como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso. O trabalho do analista é percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto e a da língua na ideologia.” (ORLANDI, 2013, p. 72). O texto é a materialidade que permitirá acessar o discurso, suas relações com a história e com as posições-sujeito ideológicas, ajudando-nos a identificar efeitos predominantes.

Se, como trouxemos anteriormente, o discurso possui certa regularidade, conclui-se que o texto deva conter marcas igualmente regulares. É pensando essas regularidades que a analista Silvana Serrani cunhará a expressão **ressonância discursiva**. Segundo a autora, podemos dizer “que existe ressonância discursiva quando determinadas marcas linguístico-discursivas se repetem na textualidade, contribuindo para construir a representação discursiva de sentidos predominantes. Trata-se de um enfoque discursivo dos processos parafrásticos” (SERRANI, 2002, p. 276-277). Por sua vez, a paráfrase “é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo” (ORLANDI, 2013, p. 38). Os sentidos são reforçados pela repetição de certos dizeres e ganham sustentação. O discurso, por sua vez, pelas ressonâncias que traz, ganha características e marcas que o tornam identificável. Cabe ao analista identificar regularidades relevantes para seu trabalho de análise, dentre elas:

itens lexicais de uma mesma família de palavras ou de itens de diferentes raízes lexicais apresentados, no discurso, como semanticamente equivalentes; construções que, sendo ou não paráfrases do ponto de vista sintático, funcionam parafrasticamente na textualidade; modos de enunciar recorrentes no discurso (tais como a presença de enunciações com determinação ou indeterminação de agente de ações, processos ou estados expressos pelos verbos; de definições pela negativa ou por afirmações – categóricas ou modalizadas –; presença de incisas recorrentes etc). (SERRANI, 2002, p. 276-277)

Cabe ressaltar que a análise das marcas discursivas recorrentes no texto, por si própria, não explicita os “sentidos” do texto ou a relação entre sujeito e discurso. A relação entre as marcas e o significado delas “é tão indireta quanto é indireta a relação do texto com as suas condições de produção. No domínio discursivo não se pode, pois, tratar as marcas ao modo ‘positivista’, como na linguística” (ORLANDI, 2008, p. 54). Serrani (2002, p. 277) explicita que a “ênfase da análise se encontra no funcionamento das ressonâncias na configuração discursiva do sentido, sendo esta, obviamente, qualitativa”. Conclui-se que, ao trabalhar com as ressonâncias discursivas, precisamos construir ligações entre a repetição em nível intradiscursivo e a construção do sujeito e dos sentidos de ordem interdiscursiva. Discursos semelhantes devem apresentar marcas semelhantes. Encontrá-las pode nos ajudar a apontar regularidades discerníveis na textualidade dos boatos.

### 3 EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO PARA BOATO

Por trabalharmos com uma teoria de entremeio, faz-se necessário trazer para a pesquisa um breve levantamento histórico dos estudos sobre boatos. Em nossas buscas, identificamos que tais estudos se desenvolveram nas áreas da psicologia e da economia, em especial nos Estados Unidos.

A psicologia norte-americana lidará com boatos no final da primeira metade do século XX. Segundo Rosnow e Foster (2005), os primeiros estudos relevantes sobre boatos surgirão em 1944, com uma pesquisa elaborada por Robert Knapp sobre os boatos que circulavam durante a Segunda Grande Guerra. Knapp coletou 1089 boatos e os classificou como alvissareiros, alarmistas ou revanchistas – a maior parte deles alarmista (DIFONZO, 2009, p. 35). Porém, considera-se que o trabalho mais importante da área foi elaborado pelos psicólogos Gordon Allport e Leo Postman: “The Psychology of Rumor”.

Segundo Allport e Postman (1947), os boatos são espalhados porque fornecem explicações a eventos e respondem a determinadas dúvidas. Conforme afirmam: “Em boatos normais, descobrimos uma forte tendência para o agente atribuir causas aos eventos, motivos aos personagens, uma *raison d'être* para o episódio em questão” (apud DIFONZO, 2009, p. 32). Eles elaboram, a partir de seus estudos, a *lei básica dos boatos*, em que “a força do boato (R) variará com a importância do tema ao indivíduo em questão (I), multiplicada pela vaguidade das evidências relativas ao assunto” (ROSNOW; FOSTER, p. 1). Numa perspectiva discursiva, essa lei suscita algumas dúvidas: como determinar “a força do boato”? E como determinar o grau de importância dado a ele pelos sujeitos?

Outros estudiosos desenvolverão as ideias de Allport e Postman. Destacamos aqui o trabalho de dois deles, publicados no Brasil pela editora Elsevier: o psicólogo Nicholas Difonzo (2009) e o professor de direito Cass Sunstein (2010).

Cass Sunstein é professor de Direito da Universidade de Harvard e coordenador do Serviço de Informação e Assuntos Regulamentares do governo de Barack Obama. No livro “*A verdade sobre os boatos: Como se espalham e por que acreditamos neles*”, o autor defende que é impossível dar uma definição específica para boatos, indicando ser preferível usar o termo para

[...] fazer referência, *grosso modo*, a alegações de fatos – sobre pessoas, grupos, acontecimentos e instituições – que ainda não foram comprovados, embora passem de uma pessoa para outra e, portanto, tenham credibilidade não porque se conheçam evidências diretas para corroborá-los, mas porque parece que outras pessoas acreditam neles. (SUNSTEIN, 2010, p. 7)

Sunstein trabalha com os conceitos de intencionalidade, defendendo que os propagadores de boatos podem ser estritamente egoístas (quando procuram se favorecer prejudicando alguém), egoístas (quando procuram atrair leitores ou internautas através de boatos), altruístas (quando estão ligados a alguma espécie de causa) e maldosos (que espalham apenas para prejudicar os outros, sem favorecimento a si ou a uma causa). Para o autor, o sujeito é um indivíduo dono do seu dizer, com intenções transparentes, o que representa um problema para a análise do discurso, que “rompe com a concepção de sujeito uno, livre, caracterizado pela consciência (isto é, sem inconsciente, sem ideologia) e tomado como origem” (POSSENTI, 2013, p. 388). Tentar classificar o sujeito baseado em suas intenções parece ser um trabalho tão difícil quanto infrutífero, uma vez que não se pode determinar em absoluto essas intenções.

Uma das teses centrais na obra de Sunstein é sua abordagem à transmissão dos boatos, incorporando os conceitos de *cascatas informacionais*, *cascatas de conformidade* e *polarização de grupos*. Nas palavras do autor:

[...] os boatos se espalham à maneira de um exemplo clássico de cascata informacional: pessoas com informações imprecisas ou completamente desinformadas acreditam em um boato que ouvem de outras, e à medida que mais e mais pessoas vão passando a crer naquele boato, o sinal informacional se torna mais intenso, e é difícil para o resto não resistir a ele, mesmo quando é falso. Algumas vezes, as cascatas de conformidade também estão envolvidas, quando as pessoas parecem acreditar nos boatos não porque de fato acreditem neles, mas para bajular os outros. Em comunidades firmemente integradas, os boatos falsos podem se tornar profundamente enraizados, acima de tudo porque pessoas não querem enfrentar sanções sociais. A polarização de grupo também tem um papel importante, quando as pessoas fortalecem seu compromisso com um boato simplesmente por causa de conversas com pessoas de ideias afins. (SUNSTEIN, 2010, p. 124)

O trabalho de Nicholas DiFonzo, professor de psicologia do Rochester Institute of Technology e autor de vários artigos sobre boatos – especialmente os que circulam em ambientes de trabalho –, não difere muito do de Sunstein, apesar de ele não trabalhar com os conceitos de *cascatas* e *polarização*. DiFonzo define boatos como “informações não verificadas que circulam em relação a assuntos que as pessoas consideram importantes; surgem em situações de vaguidade, ameaça real ou potencial; e são usados por pessoas que tentam compreender ou gerenciar o risco” (2009, p. 42). Apesar de ser impossível determinar que assuntos as pessoas consideram importantes, uma reflexão sobre as condições de produção dos boatos parece ser pertinente: DiFonzo caracteriza algumas delas na sua definição, e todas envolvem o silêncio. Afinal, “ambiguidades”, “ameaça real ou potencial” e

“riscos” são aparentemente sanados quando o boato surge como uma solução lógica possível para um problema. Eles ativam “uma causa estável e duradoura para explicar os acontecimentos; isso leva, com frequência, à previsão de que condições, comportamentos ou eventos recentes continuarão” (DIFONZO, p. 58). Criado em determinadas condições de produção, o boato também cria condições de produção, não só explicando o que ocorreu no passado, mas afetando como eventos futuros serão interpretados e dando significado a eventos da atualidade. Segundo Orlandi (2012b, p. 146), o boato surge porque o sujeito se sente impelido a significar os fatos, sendo que “há uma disputa pelo sentido ‘verdadeiro’. O boato anuncia essa necessidade e ‘mostra’ que o sentido está em processo de legitimação, mobilização do poder da/na palavra”. O boato, ao criar uma vaguidade que se resolve no seio da interpretação e dos discursos, cria o efeito de estabilidade e linearidade dos fatos.

Se o boato e seus efeitos se materializam na forma de linguagem, como texto a ser interpretado e que lineariza a interpretação, acreditamos que a análise do discurso dê conta de refletir sobre seus efeitos pela linguagem. Supomos, amparados por Orlandi (2012a, p. 58), que se o texto – e aí incluímos os boatos – é um fato de linguagem, “os estudos que não tratam da textualidade (discursividade) não alcançam a relação com a memória da língua” e não apreendem como os sentidos se formam na sociedade.

Conforme debatemos ao longo desta dissertação, o sujeito acredita que o simbólico é um elemento transparente imaginariamente não distante da realidade. Ao perceber a linguagem como transcrição da realidade, o boato para o sujeito se torna particularmente real, independentemente de as informações representarem alguma verdade fatural ou não. Para que o boato funcione, é preciso que ele tenha o caráter novidadeiro da informação, que por sua vez “é suscetível de produzir um efeito de rumor ou boato” (CHARAUDEAU, 2013, p. 71). O boato, assim, constitui-se como informação na sua relação com outros textos e informações. Conforme aponta Orlandi (2012b, p. 135), o boato:

é um fato substantivo da história, fato de sua relação com o silêncio: a força de uma situação discursiva que se impõe, irrupção de um real que demanda sentidos, que reclama interpretação, exposição em estado bruto da necessidade de se construir a relação causa/consequência. Constatação do fato de que há palavras postas em silêncio e que o silêncio atravessa as palavras, ele é o traço de que há sentidos ainda não formulados (postos em palavras). Excitação geral da palavra, anônima, pública, materialidade que se impõe de onde surgem “interpretações”, as diferentes versões possíveis.

O boato faz sua parte enquanto indício da existência de determinado fato, materializando-o dentro de seu próprio funcionamento. O boato está intimamente relacionado

com a questão da opinião, pois esta “depende, com efeito, de um cálculo de probabilidade que leva o sujeito a tomar uma atitude intelectual de aceitação ou não da verossimilhança” (CHARAUDEAU 2013, p. 121). Acreditamos que esse “cálculo de probabilidade” apontado por Charaudeau é constituído pelo aparato ideológico-interpretativo do sujeito.

Metaforicamente, poderíamos dizer que a função do boato é tapar buracos interpretativos que só se tornam visíveis de acordo com o aparato interpretativo do sujeito, já que o boato

é uma resposta discursiva à necessidade de significar, trabalhando a articulação entre causa e consequência. À procura de um dizer possível, em suas diferentes posições, os sujeitos produzem versões plausíveis, explorando um espaço de significações. Tenta-se produzir um efeito de verdade a partir de palavras não asseveradas. (ORLANDI, 2012b, p. 245)

Numa perspectiva intradiscursiva, o boato recebe apoio de termos marcados pela indefinição para se legitimar – artigos indefinidos, sujeitos indeterminados, verbos no subjuntivo e outras marcas discursivas que analisaremos nesta dissertação. Dominique Maingueneau destaca, por sua vez, a necessidade do estudo da dimensão interdiscursiva e dos conectivos argumentativos na supressão de contradições, argumentando que essa “é uma dimensão particularmente importante no discurso jornalístico, o qual trabalha com um universo de boatos” (MAINGUENEAU, 1997, p. 181). Como propomos na introdução desta pesquisa, o boato poderia ser classificado, no seu aspecto formal, como “notícia anônima que se expande publicamente sem confirmação” (ORLANDI, 2012b, p. 134). Nesse sentido, a legitimação e a circulação do boato dependem, em termos midiáticos, do jornalismo. A mídia, assim como a ciência e as religiões, é um espaço discursivo que confere credibilidade aos enunciados e lógica ao mundo. Segundo Pêcheux (2015, p. 31), nos espaços discursivos

supõe-se que todo sujeito falante sabe do que fala, porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação: essas propriedades se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo (tal que esse universo é tomado discursivamente nesses espaços)

Portanto, se o boato produz efeito de novidade e de “notícia”, faz-se necessária uma busca teórica pelos preceitos desse espaço discursivo para melhor debater sobre seus efeitos. Patrick Charaudeau (2013) faz uma reflexão sobre as mídias – em particular, o jornalismo – por uma ótica discursiva. Sua definição de notícia ajuda-nos a trabalhar melhor a questão da materialidade do boato. Nas palavras de Charaudeau:

Propomos chamar “notícia” a um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo *espaço temático*, tendo um caráter de *novidade* proveniente de uma determinada *fonte* e podendo ser diversamente tratado. Um mesmo espaço temático: significa que o acontecimento, de algum modo, é um *fato* que se inscreve num certo *domínio* do espaço público, e que pode ser reportado sob a forma de um *minirrelato*. Assim, quando um jornal expõe os títulos: “Greve”, “Energia nuclear”, “Bósnia”, “Rolling Stones no Olympia”, cada um desses títulos refere-se a lugares, fatos, atores que aparecem num determinado setor da vida social. Um caráter de novidade: isso não quer dizer que não se tenha falado antes do acontecimento, mas que é trazido um novo elemento que até então era desconhecido do público (ou que se supunha desconhecido). Aí reside toda a ambiguidade da expressão “as novas” (*the News*): há elementos de informação que podem dar origem a um novo espaço temático, mas podem também se ligar a um espaço temático já circunscrito e conhecido, como no caso de um conflito que se prolonga e do qual as mídias se ocupam cotidianamente. Uma determinada fonte: isso significa que o acontecimento é convertido em informação por uma determinada instância e que a credibilidade dessa informação será avaliada segundo a natureza da fonte. (2013, p. 132)

Pensando as características da notícia como apontado por Charaudeau e relacionando-as ao boato, propomos que ele também seja visto como “texto ligado aos fatos”, abrindo novos espaços temáticos que serão vistos enquanto *real* e sobre os quais os sujeitos discutirão. Uma das instâncias de noticiabilidade, como aponta Silva (2005, p. 97), se dá “na visão dos fatos, a partir de fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, compreendendo conceitos de verdade, objetividade, interesse público, imparcialidade”. Reforça-se, nesse caso, que a informação enquanto notícia é uma representação ideal e imparcial dos fatos que atende às necessidades de um público. Ele é a novidade: aquilo que não se sabia sobre algo relativamente conhecido. Tanto no caso da Coreia do Norte quanto no caso dos *Protocolos*, há discursos e condições que legitimam esses boatos e os tornam novidades diante do espaço temático a que se relacionam.

O boato também se constitui na sua relação com o silêncio, que serve de motivação e de plataforma para tal materialidade. Orlandi destaca a importância do silêncio do anonimato para a criação de boatos, uma vez que, na concepção que temos deles,

não há um responsável pelo dizer, mas uma figura autor imaginada que joga no seu lugar; lugar presumido de sua responsabilidade. Sem um autor, ainda que fantasma, o boato não funciona. Há sempre um suposto responsável numa cadeia de “autores” que não se definem positivamente. O autor se mantém no anonimato e é substituído/simulado por um encadeamento de citações de menções: é sempre o outro que disse. (ORLANDI, 2012-B, p. 145)

O anonimato se coloca como condição discursiva matriz do boato. Apontam-se autorias para dar maior legitimidade aos enunciados criados. É a fonte que, como apontada por Charaudeau (2013), dá credibilidade à notícia. Tendo como base tais conceitos,

consideramos que a criação de boatos e sua circulação dependem de certas condições de produção favoráveis.

Orlandi (2013, p. 133), falando sobre boatos na época do Brasil colonial, argumenta que a “distância e o tempo gastos na circulação das palavras em um território dificilmente visível pela corte portuguesa favoreciam os efeitos do boato sobre as decisões do poder”. Quando há falta de informações – quando elas demoram a chegar e não são facilmente verificáveis –, tornam-se mais verossímeis no que tange à questão da opinião. Curiosamente, quando o inverso acontece – quando há muito acesso a informações e o contato com outros sujeitos é maior –, o boato prolifera com maior intensidade. A autora exemplifica isso quando discorre sobre a circulação de boatos dentro do ambiente urbano:

A cidade apresenta condições favoráveis aos boatos. O grande número de sujeitos vivendo em um mesmo espaço, pleno de “coisas a saber” de que se tem necessidade para viver em comum na cidade, para se estabelecerem relações urbanas, tendo-se necessidade de uma maior quantidade de informação, faz desenvolverem-se tecnologias de linguagem tornando possível – e impossível – a convivialidade neste espaço comum com suas particularidades de linguagem. (ORLANDI, 2013, p. 139)

A Internet, por sua vez, potencializa essa capacidade de acessar informações e compartilhar textos e confere ao autor a possibilidade de permanecer anônimo. Como aponta Maingueneau (2014, p. 40, destaques nossos):

A proliferação dos produtores e o desaparecimento dos intermediários tornam improvável o destaque de figuras proeminentes: assiste-se a uma confrontação direta entre uma **oferta virtualmente limitada** e leitores aleatórios surgidos de uma multidão insondável. Graças a processos de transmissão de informação de ordem epidemiológica, acontece de um ou outro blogueiro emergir, por um momento, do anonimato, **mas a estabilização de uma figura parece problemática**.

A Internet, portanto, é uma fonte inesgotável de notícias e textos que podem ser lidos e, portanto, interpretados. A noção de autoria ganha um *status* particular na Internet: torna-se mais difícil definir o autor de um texto, pois a autoria se perde com o intenso compartilhamento deles. O enfraquecimento da posição de crítico especializado também deixa menos precisa a questão da autoria. Nas palavras de Maingueneau (2014, p. 40-41):

[...] não é uma voz autorizada (muitas vezes a de professores ou de críticos), mas um enxame de indivíduos pseudônimos que, deixando ‘comentários’ no *site*, se autodesignam avaliadores. Tais características tornam muito difícil a constituição de uma obra e, portanto, de uma imagem de autor consistente.

O boato nos mostra que nenhum sentido na língua pode ser tachado de óbvio. Os efeitos que produz demarcam o poder da língua enquanto mecanismo que interfere diretamente na realidade e ocupa, num nível ideológico e subjetivo, o lugar dela. Como explicitamos discursivamente na introdução, como sugere Eni Orlandi, o boato pode ser descrito como notícia de um sujeito anônimo e que não pode ser classificada como verdadeira ou falsa se pensarmos em suas especificidades. Dessa maneira, urge que debatamos o que seria “a verdade”, especialmente na mídia.

#### 4 (IN)DECIFRANDO A VERDADE E SUA RELAÇÃO COM A MÍDIA

A Análise do Discurso tradicionalmente defende que o significado é plural e opaco, uma vez que há variáveis que afetam a interpretação dos sentidos. Como aponta Orlandi (2012a, p. 54):

[...] o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada – embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira – pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer)

Contemplando o pressuposto teórico-discursivo que diz que os significados são plurais e dependentes do que os circundam, não podemos admitir no campo da Análise do Discurso a hipótese de que há um significado real a ser encontrado, ou um saber a ser atingido. Entende-se por saber o que é tomado como “certo, correto, inquestionável, verdadeiro. Trata-se de um saber oposto de um não saber, da ausência do saber, da ignorância ou do falso saber. Ou ainda, trata-se do oposto ao conhecimento falso, não verdadeiro, incerto e questionável” (RAUEN, 2015, p. 51).

Nesta pesquisa, entendemos que a memória e os saberes se articulam para constituir os sentidos. Além disso, já afirmamos que o boato é uma resposta à necessidade de saber como algo ocorreu, e esse algo não está desvinculado a outra memória de nível discursivo. Em outras palavras, o boato pode ser visto como uma busca para “atingir uma verdade” (ORLANDI, 2012b, p. 142). A razão de sua existência é a necessidade discursiva de desvelar o desconhecido e construir uma realidade ideal sem falhas. Tendo ou não consciência disso, o *mentiroso*, como apresenta Arendt, consegue convencer seus interlocutores por causa desse desejo por linearidade.

Como o mentiroso é livre para moldar seus “fatos”, adequando-os ao proveito e ao prazer, ou mesmo às meras expectativas de sua audiência, o mais provável é que ele seja mais convincente do que o que diz a verdade. De fato, ele normalmente terá a plausibilidade a seu lado; sua exposição soará como que mais lógica, visto ter desaparecido indulgentemente o elemento da imprevisibilidade – uma das características mais conspícuas de todo evento (ARENDRT, 2012, p. 311).

Concordamos com Arendt quando ela afirma que certos enunciados se tornam mais convincentes na medida em que atendem às expectativas de determinados sujeitos (determinados ideológica e historicamente, como propõe a Análise do Discurso). Porém, surge-nos um problema quando falamos de um suposto “discurso verdadeiro”. Essa questão

referente à verdade norteou a problematização que realizamos na sequência. Segundo Chauí (2004, p. 95):

Para a atitude natural ou dogmática, o verdadeiro é o que funciona e não surpreende. É – como vimos – o já sabido, o já dito e o já feito. Verdade e realidade parecem ser idênticas e quando essa identidade se desfaz ou se quebra, surge a incerteza que busca readquirir certezas.

A autora, a partir disso, afirma que há três concepções de verdade que formarão nossa concepção atual de verdade. A primeira delas, como descreve a autora, é a *alétheia*. A *alétheia* é a concepção de que a verdade é o “não-esquecido”. Em outras palavras, a verdade seria aquilo que está ao alcance dos sentidos – tudo o que podemos ver, portanto, é verdadeiro. Em latim, *veritas* define o sentido de verdade. Segundo interpreta Rauen, a concepção latina de verdade “tem a ver com a precisão, o rigor e a exatidão como se relata um fato. A noção de verdade refere-se à narrativa de fatos acontecidos. Um relato é verdadeiro quando enuncia fatos reais, e é falso quando se trata de uma mentira ou falsificação” (RAUEN, 2015, p. 52). Nesse sentido, a noção latina de verdade está mais atrelada à dimensão verbal. A verdade aqui tem a ver com a descrição fiel de acontecimentos, parecendo difícil dissociar o verdadeiro do discursivo. Por último, há a concepção hebraica de verdade, *emunah*. Segundo Chauí, essa concepção aponta que são Deus e as pessoas os seres verdadeiros. “Um Deus verdadeiro ou um amigo verdadeiro são aqueles que cumprem o que prometem, são fieis à palavra dada ou a um pacto feito; enfim, não traem a confiança” (CHAUÍ, 2004, p. 96). A filósofa conclui suas considerações sobre a ideia moderna de verdade com uma reflexão sobre como essas perspectivas antigas se reúnem:

*Alétheia* se refere ao que as coisas são (isto é, o que elas sempre foram e sempre serão tais como se manifestam agora ao nosso espírito); *veritas* se refere aos fatos que *foram* (isto é, os acontecimentos que realmente se deram tais como são relatados); *emunah* se refere às ações e coisas que *serão* (isto é, ao que virá a ser ou a acontecer porque assim foi prometido). A nossa concepção de verdade é uma síntese dessas três fontes e por isso se refere à percepção das coisas reais (como na *alétheia*), à linguagem que relata fatos passados (como na *veritas*) e à expectativa de coisas futuras (como na *emunah*). Ou seja, nossa concepção de verdade abrange *o que é* (a realidade), *o que foi* (os acontecimentos passados) e *o que será* (as ações e acontecimentos futuros). (2004, p. 96)

Há ainda uma quarta concepção de verdade: a pragmática. Nas palavras de Rauen (2015, p. 53):

Nesta concepção, um conhecimento é verdadeiro por seus resultados e suas aplicações práticas, sendo verificado pela experimentação e pela experiência. Trata-

se de uma verdade por evidência, como fenomenologia, linguística e pragmática. Uma crença é verdadeira se ela for verificável, útil ou funcionar objetivamente.

Hannah Arendt, por sua vez, traz para a discussão a questão da verdade fatural. Para a autora (2011), opõe-se à ideia de verdade filosófica – ligada à questão da opinião, da especulação e da troca de ideias – o conceito de verdade fatural. A verdade fatural

[...] relaciona-se sempre com outras pessoas: ela diz respeito a eventos e circunstâncias nas quais muitos são envolvidos; é estabelecida por testemunhas e depende de comprovação; existe apenas na medida em que se fala sobre ela, mesmo quando ocorre no domínio da intimidade. (p. 295)

Essas definições reforçam o caráter instável de verdade. Conceituá-la torna-se uma tarefa ainda mais complexa no âmbito discursivo. Afinal, para a AD, a interpretação do sujeito que não está inserido na posição de analista é amparada por “um *dispositivo ideológico* com seu efeito de evidência” (ORLANDI, 2012a, p. 84). Dessa forma, torna-se evidente para o sujeito apenas aquilo que seu aparato ideológico permitir parecer verdadeiro. A verdade, se pensarmos a partir da perspectiva da análise do discurso, é intrinsecamente subjetiva porque a manifestamos primordialmente pela língua. Foucault defende uma perspectiva subjetiva de verdade quando aponta dois tipos de história de verdade:

A primeira é uma espécie de história interna da verdade, a história de uma verdade que se corrige a partir de seus próprios princípios de regulação: é a história da verdade tal como se faz na ou a partir da história das ciências. Por outro lado, parece-me que existem, na sociedade, ou pelo menos em nossas sociedades, vários outros lugares onde a verdade se forma, onde um certo número de regras de jogo são definidas – regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios-de-objeto, certos tipos de saber [...]. (FOUCAULT, 2013, p. 20-21)

A história política da verdade trata de uma verdade que se dá a partir das relações entre instituições legitimadoras que nos constituem enquanto sujeito e direcionam o significado. A história política da verdade não trata dos discursos pontualmente verdadeiros – as verdades factuais de Arendt –, “mas das relações que o sujeito estabelece com a verdade de si mesmo, nas quais ele se reconhece como sujeito de um preceito tido como verdadeiro e realiza um trabalho sobre si no sentido de transformar-se, tomando-o como referência” (PRADO FILHO, 2006, p. 44). Por dar forma ao sujeito a partir da esfera dos discursos institucionalizados, o trabalho da verdade pode ser considerado fundamentalmente ideológico e histórico. Segundo Prado Filho (2006, p. 70), “o governo de si e dos outros implica transformar o discurso verdadeiro em princípio permanentemente ativo”. Portanto, uma

verdade só adquire esse *status* quando ela ressoa continuamente nos discursos e nas interpretações, sendo reativada constantemente em nossa memória.

Sendo um trabalho histórico e discursivo, a verdade adquire diferentes particularidades quando é relacionada a construções históricas variadas. As verdades mudam, tomam novas formas e adquirem características outras com o passar dos anos e com a circulação de outros discursos. É por esse motivo que a análise do discurso critica as ciências positivistas, uma vez que a verdade delas se choca com as verdades pregadas por outros espaços discursivos:

[...] as “coisas-a-saber” coexistem assim com objetos a propósito dos quais ninguém pode estar seguro de “saber do que se fala”, porque esses objetos estão inscritos em uma filiação e não são o produto de uma aprendizagem: isso acontece tanto nos segredos da esfera familiar “privada” quanto no nível “público” das instituições e dos aparelhos de Estado. O fantasma da ciência régia é justamente o que vem, em todos os níveis, negar esse equívoco, dando a ilusão que sempre se pode saber do que se fala, isto é, se me compreendem bem, negando o ato de interpretação no próprio momento em que ele aparece (PÊCHEUX, 2015, p. 54-55).

Inversamente, cabe à Análise do Discurso “situar (compreender) – e não refletir – o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido” (ORLANDI, 2012a, p. 83). Desse modo, o analista precisa se desfazer da premissa de buscar um discurso *verdadeiro*. Seu objetivo é justamente analisar o que o sujeito trata como verdade e quais condições amparam essa suposta veracidade. Charaudeau fala sobre isso em sua obra *Discurso das Mídias*, quando trata de *valor de verdade* e *efeito de verdade*. Para ele, o *valor de verdade* “se realiza através de uma construção explicativa elaborada com a ajuda de uma instrumentação científica que se quer exterior ao homem” (CHARAUDEAU, 2013, p. 49). Por outro lado, o efeito de verdade surge:

[...] da subjetividade do sujeito em sua relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compartilhável com outras pessoas, e se inscreve nas normas de reconhecimento do mundo. Diferentemente do valor de verdade, que se baseia na *evidência*, o efeito de verdade baseia-se na *convicção*, e participa de um movimento que se prende a um *saber de opinião*, a qual só pode ser apreendida empiricamente, através dos textos portadores de julgamentos.

[...] O que está em causa aqui não é tanto a busca de uma verdade em si, mas a busca de “credibilidade”, isto é, aquilo que determina o “direito à palavra”. (2013, p. 49)

Assim, o efeito de verdade se constrói a partir das materialidades em circulação. O efeito de verdade, portanto, é um efeito interdiscursivo em sua essência, uma vez que depende de textos verbais e não verbais para existir. Ao mesmo tempo, provocar um “efeito de

verdade” tem a ver com uma busca por uma posição de fonte confiável do conhecimento/saber. Esses debates sobre a verdade se relacionam à dimensão subjetiva originária do boato, uma vez que os sujeitos que o criam mobilizam “argumentos que correspondem a diferentes tentativas (versões) de fixar um sentido (seus sentidos) sem no entanto mudar suas posições discursivas” (ORLANDI, 2013, p. 139). Nesse sentido, o boato é um dispositivo de informação. A noção de informação, por sua vez, está ligada diretamente às mídias: livros, internet, televisão, jornais.

Segundo Charaudeau (2013), o objetivo das mídias não é necessariamente expor uma pretensa verdade pelo bem social. Segundo ele, as mídias trabalham com a informação dentro de uma sociedade capitalista que transforma essa mesma informação em fonte de renda. Isso quer dizer que as informações são dramatizadas e reestruturadas conforme as condições de produção envolvidas, pois a transmissão de informação depende de sujeitos discursivamente constituídos. Conforme o autor explica (p. 19):

*As mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público.*

*A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo. Mesmo a imagem, que se acreditava ser mais apta a refletir o mundo como ele é, tem sua própria opacidade, que se descobre de forma patente quando produz efeitos perversos (imagens espetaculares da miséria humana) ou se coloca a serviço de notícias falsas [...]*

O boato é um desses vestígios da opacidade das imagens e das notícias. Quando compartilhada pelos meios de comunicação, ela produz efeitos de sentido. As imagens, mesmo quando sofrem manipulações e edições, continuam sendo vistas como aproximação maior do real. Construindo um paralelo com o boato da Coreia do Norte, o autor, Cid Morais (2014), conta que “o grande desafio foi montar tudo isso em um tom jornalístico (sic) e tosco. Sim, a parada tinha que parecer tosco (sic) de propósito”. Até mesmo uma montagem imagética menos atenta aos detalhes consegue provocar os efeitos de incerteza comuns ao boato.

Ao mesmo tempo, outro componente que contribui para a legitimização de uma informação é a sua subsequente repetição em meios de comunicação tradicionais, tais como Globo, Terra, UOL, Band, blogs de grandes conglomerados de mídia, etc.. Como explica Ramonet (1999, p. 134):

*Doravante, um fato é verdadeiro não porque obedece a critérios objetivos, rigorosos e confirmados pela fonte, mas simplesmente porque outros meios de comunicação repetem as mesmas afirmações e "confirmam"... A repetição substitui a demonstração. A informação é substituída pela confirmação.*

Sendo assim, uma informação se torna verdadeira quando compartilhada em sites, livros, canais de televisão, jornais, dentre tantas outras instâncias, reverberando e ressoando discursivamente, produzindo efeitos diversos.

## 5 ANÁLISE DOS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO

### 5.1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DOS PROTOCOLOS

Segundo Finzi (1999), em obra que trata dos movimentos antisemitas mundiais, os *Protocolos do Sábios de Sião* foram originalmente publicados na Rússia em 1902 e depois reeditados, recompilados e rerepresentados numa obra chamada “*O Grandioso no Ínfimo*” de Sergius Nilus, em 1905. Os *Protocolos* são um conjunto de 24 textos que descreveriam um plano de dominação mundial judaico pela desestabilização da economia, da moral, da religião e de outros elementos sociais. Eles surgem poucos anos depois do Primeiro Congresso Sionista Mundial de 1897, na Suíça. Na ocasião, judeus de várias nacionalidades se encontraram para discutir a criação de um Estado Nacional judaico, que seria o ponto de partida para a criação do Estado de Israel e, conforme aponta Rodriguez (2013), a suposta ocasião do encontro dos *Sábios de Sião* aos quais os *Protocolos* fazem referência e cujos nomes jamais foram apontados.

A maneira pela qual os textos teriam chegado às mãos de Nilus varia de acordo com a edição. O próprio Nilus atesta o seguinte no seu *O Grandioso no Ínfimo*:

Foi-me dado, por um amigo pessoal hoje falecido, um manuscrito que, com precisão e clareza extraordinárias, descreve o plano e o desenvolvimento de uma sinistra conspiração mundial ... Esse documento chegou às minhas mãos cerca de quatro anos atrás, junto com a absoluta garantia de que é a tradução veraz de documentos (originais) roubados por uma mulher a um dos chefes mais poderosos e mais altamente iniciados da Maçonaria. O furto foi realizado ao término de uma assembleia secreta dos Iniciados na França – país que é o ninho da “conspiração maçônica judaica”. Àqueles que desejarem ver e ouvir, ousou revelar esse manuscrito sob o título de *Protocolos dos anciãos de Sião*. (apud ECO, 2014).

Entretanto, Nilus se contradiz ao afirmar que os protocolos foram retirados clandestinamente por um correspondente seu de uma caverna secreta que serviria de quartel-general dos sionistas (ROSENFELD, 2011). Há também outras explicações que tornam essas histórias gradativamente mais contraditórias:

Em outra versão, o documento foi copiado num hotel em que se hospedou um emissário maçônico, portador dos *Protocolos*. No meio dessas contradições vai a afirmativa de que o “quartel-general”, isto é, o escritório central da Organização Sionista se teria encontrado em França. Ora, até 1904, o escritório central dessa organização encontrava-se em Viena. Mais tarde se localizava em Colônia, Berlim, Londres, transferindo-se em 1935 para Jerusalém. Mas precisamente na França nunca se localizou. (ROSENFELD, 2011, p. 34).

Segundo Rosenfeld (2011), Conan (1999) e Queiroz (2005), os *Protocolos* foram elaborados pela polícia secreta russa na França para afastar o czar Nicolau II de ideias liberais ao associá-las a um complô judaico, apresentando ao mesmo tempo uma explicação para a péssima situação financeira e social na Rússia. “*Os Protocolos dos Sábios de Sião*”, segundo Eco (2006) e Conan (1999), os *Protocolos* foram elaborados por Mathieu Golovinski, um falsário que plantava artigos enganosos em jornais russos a mando da polícia secreta czarista. Para elaborar sua farsa, Golovinski copiou obras literárias, como as histórias de Eugène Sue e a obra literária *Biarritz*, cujo enredo retrata a reunião de 12 judeus com o demônio no cemitério de Praga para a elaboração de um plano de controle mundial. Entretanto, a obra *O Diálogo no Inferno Entre Maquiavel e Montesquieu* foi a maior fonte de inspiração dos *Protocolos*, tendo trechos copiados quase que integralmente. *O Diálogo no Inferno Entre Maquiavel e Montesquieu* foi escrito por Maurice Joly em 1864, e é uma crítica às ideias autoritárias de Napoleão III – representado pela figura de Maquiavel –, contrapostas pelas afirmativas liberais e republicanas personificadas por Montesquieu. Os trechos representando as falas de Maquiavel foram reelaborados para projetar a figura do judeu conspirador.

Tais semelhanças foram descobertas pelo jornalista e correspondente do *The Times* Phillip Graves, desacreditando uma matéria que o jornal havia publicado sobre os *Protocolos* na edição de 8 de maio de 1920, sugerindo que o antissemitismo seria um mal necessário – o *The Times* se retrataria publicamente após o trabalho de Graves. Nas palavras do jornalista:

Antes mesmo de receber o livro do Sr. X., eu permanecia, como já disse, incrédulo. Eu não acreditava que os “Protocolos” de Sergei Nilus eram autênticos: eles explicavam muita coisa através da teoria de uma ampla conspiração Judaica. O relato do Professor Nilus de como os Protocolos foram obtidos era melodramático demais para ser crível e é difícil acreditar que os verdadeiros “Sábios de Sião” não teriam produzido um plano mais inteligente do que a teatral e cruel conspiração elaborada nos Protocolos. Mas eu jamais acreditaria, se não houvesse visto, que o escritor que forneceu a Nilus os textos era um plagiador descuidado e sem-vergonha. (GRAVES, 1921, p. 10).<sup>1</sup>

Interdiscursivamente, os Protocolos resgatam sentidos já colocados em circulação antes dele para projetar seu efeito de autenticidade. A obra literária *Biarritz* é resgatada para construir imaginariamente a figura dos judeus perversos e o momento da elaboração de seus

---

<sup>1</sup> Tradução-livre do original: “‘Jewish World Plot’: An exposure. The source of the protocols. Truth at last.”

planos, enquanto que *Os Diálogos no Inferno* dão forma às ideias desses sujeitos maquiavélicos projetados.

Após publicação sem grande repercussão em 1902, os *Protocolos dos Sábios de Sião* voltam em versão estendida, desta vez editada e prefaciada por Sergius Nilus, à época conhecido monge itinerante que desejava ser guia espiritual do czar (ECO, 1994). A obra se popularizou entre os monarquistas, “que costumavam lê-la em voz alta para camponeses analfabetos” (EISNER, 2006, p. 66).

O conteúdo alarmista dos *Protocolos* e sua popularidade na Rússia fizeram com que a obra viajasse pelo mundo acompanhada de imigrantes russos e fosse editada em outros países. Como afirma Finzi (1999, p. 62):

[...] o livro se tornou um sucesso de vendas após a Revolução de Outubro. Entre 1918 e 1920, muitas reimpressões circularam entre os russos Brancos que estavam combatendo os Bolcheviques, normalmente em formas resumidas ou simplificadas. Nesses mesmos anos, o panfleto foi disseminado pela primeira leva de emigrantes Russos e traduzido em diversas línguas. Em 1919, as primeiras versões Alemãs e Polonesas surgiram; em 1920, a primeira versão em Inglês apareceu em Londres e em Boston. No mesmo ano vieram a versão Francesa em Paris e a Húngara em Viena. No ano seguinte, ela foi traduzida para o Italiano e o Sérvio.<sup>2</sup>

Os *Protocolos*, na Alemanha, chegam às mãos de Adolf Hitler, que em 18 de julho de 1925 publica o “Mein Kampf”. Nele, o ditador nazista conta sua história e constrói uma elaborada propaganda em prol do partido, atribuindo ao povo judeu o papel de inimigo da nação alemã e convocando os alemães para eliminar o mal semita baseando-se nos “*Protocolos dos Sábios de Sião*”, classificando-o como texto fundamental para compreender as intenções dos judeus no mundo e o porquê de eliminá-los.

A versão brasileira dos *Protocolos*, que receberá maior atenção na seção 5.2 desta pesquisa, foi traduzida e publicada pelo militante do movimento integralista e membro da Academia Brasileira de Letras Gustavo Barroso em 1936. Nos Estados Unidos, os *Protocolos* foram publicados no jornal *Deadborn Independent* por Henry Ford, recebendo o título *The International Jew* em 1920. O texto continua a ser impresso e debatido internacionalmente. Edições atualizadas trazem novos detalhes da conspiração sionista, atribuindo aos judeus a culpa pelos ataques de 11 de setembro e pelo próprio holocausto (RODRIGUEZ, 2013), circulando ativamente entre grupos antissemitas.

---

<sup>2</sup> Em tradução livre.

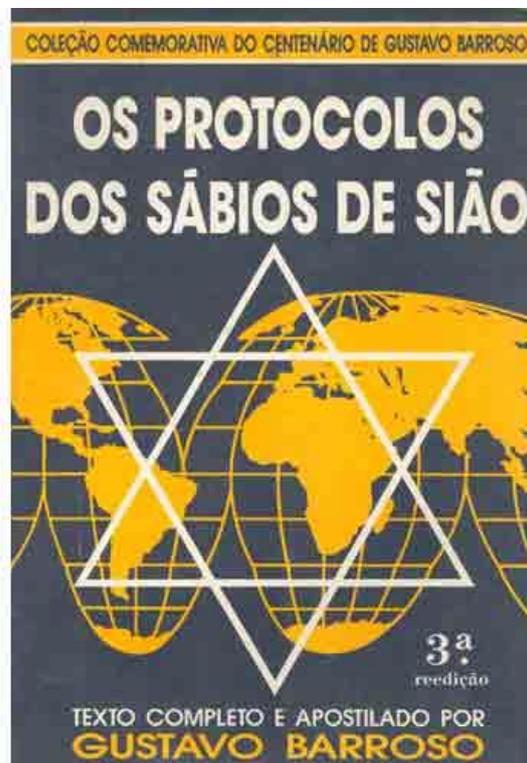
O que se percebe é que os sujeitos envolvidos na elaboração e na expansão desse boato ocupavam posições que legitimavam seus discursos. É a Polícia Secreta quem traz as informações. É o doutrinador religioso respeitado Sergius Nilus quem as divulga e as legitima. É o líder político da nação alemã que menciona o texto e garante sua credibilidade, assim como o empresário que revolucionou os meios de produção. “O poder está sempre rodeando os sentidos que produz com uma grande quantidade de discursos que teria a finalidade de explicá-los, desambiguiá-los, para nos dar a certeza do (seu) sentido (verdadeiro)” (ORLANDI, 2012b, p. 144) Dessa maneira, essas vozes dão maior legitimidade às suas posições. Paradoxalmente, tais enunciados ganham veracidade quando partem dessas posições-sujeito distintas. O fato de a informação não estar ligada a um acontecimento real não tira a legitimidade que a fala desses sujeitos têm e seus subsequentes efeitos.

## 5.2 MACROESTRUTURA DA EDIÇÃO BRASILEIRA

A edição dos *Protocolos* que analisaremos será a traduzida e apostilada pelo integralista Gustavo Barroso, publicada originalmente pela Revisão Editora. A Revisão Editora foi fundada entre 1987 e 1989 por Siegfried Ellwanger Castan, normalmente abreviado para S.E. Castan, em Porto Alegre. Como apontam Jesus (2006) e Cruz (1997), as obras da Editora Revisão se atrelam ao movimento conhecido como “revisãoismo histórico” de caráter predominantemente antissemita, com especial foco na negação ao Holocausto. Castan, ao se voltar completamente para as obras antissemitas, coloca-se na posição de historiador da área, de alguém que desvenda verdades inconvenientes. Na sua posição, ele coloca em funcionamento uma versão que faz ressoar sentidos que constituirão memória discursiva em relação aos judeus.

Os *Protocolos* são a segunda parte de uma Coleção Comemorativa do Centenário de Gustavo Barroso, sendo a primeira o livro *Brasil: Colônia de Banqueiros*. A edição dos *Protocolos* da Revisão data de 1989, recuperando na íntegra o texto publicado originalmente em 1936.

Texto de Imagem 1 – Capa dos Protocolos dos Sábios de Sião da Revisão Editora



Disponível em: <<http://aumagic.blogspot.com.br/2012/08/os-protocolos-dos-sabios-do-siao.html>>. Acesso em 1 mar. 2016

Sua capa apresenta um desenho da Estrela de Davi sobrepondo um mapa-múndi aberto, sugerindo o domínio do povo judeu de Israel sobre o restante do planeta. O nome de Gustavo Barroso se repete na capa. Gustavo Barroso – como consta na orelha dos *Protocolos*, espaço totalmente dedicado à sua biografia – foi o segundo líder da Ação Integralista Brasileira, movimento inspirado nos moldes do Fascismo Italiano de Mussolini, de caráter nacionalista e defensor de uma “moral cristã”.

Na contracapa dos *Protocolos*, em letras garrafais e de fonte maior, destaca-se a palavra “LEIA!”, seguida de outros títulos publicados pela Revisão Editora. O lema da editora segue logo abaixo do seu símbolo, um garoto investigando um livro com uma lupa: “Conferindo e Divulgando a História”. Os dizeres legitimam o espaço da editora enquanto responsável pela revisão da história, contestadora das verdades em circulação. Pêcheux (2015, p. 34) afirma que temos necessidade de um mundo semanticamente normal, que começa “com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos (e antes de tudo com a distribuição de bons e maus objetos, arcaicamente figurados pela disjunção entre alimento e

excremento)”. Os sujeitos responsáveis pela edição brasileira dos *Protocolos* projetam a obra como um bom objeto que esclarece a realidade e merece ser lido, estando em contraposição aos objetos enganadores da história.

Dos quatro títulos em destaque na contracapa, todos colocam os judeus em posição de conspiradores. O “*Holocausto JUDEU ou ALEMÃO*” e “*Acabou o gás! O fim de um mito*” são de autoria do próprio S. E. Castan, o responsável pela Revisão Editora. As outras duas obras destacadas na contracapa são “*Brasil: Colônia de Banqueiros*”, do próprio Gustavo Barroso, e “*Os conquistadores do mundo: os verdadeiros criminosos de guerra*”, do escritor nacionalista húngaro Louis Marschalko. Dado o caráter dos *Protocolos*, os sentidos aos quais as obras de contracapa remetem e o pré-construído que o conjunto (re)cria, forma-se uma grande interdiscursividade antissemita. Portanto, acreditamos que os efeitos de interpretação predominantes em relação aos títulos expostos na contracapa é o da ideia de que há uma conspiração judaica em andamento e que as verdades apresentadas como fatuais podem ter caráter duvidoso.

Ao abrir o livro, encontramos a apresentação do título da obra nas páginas 1 e 3. Na página 3, há uma breve apresentação da obra logo abaixo do título: “O Imperialismo de Israel. O Plano dos Judeus para a conquista do mundo. O Código Anticristo. Provas de autenticidade, documentos, notas e comentários”. O enunciado antecipa sentidos, alegando que os *Protocolos* são documentos autênticos e que as provas serão devidamente apresentadas. Na página 4, surgem dois parágrafos afirmando que a Revisão Editora conseguiu acertar os direitos para a publicação de “importantes obras de autoria de Gustavo Barroso”, direcionando-as aos jovens, “que desconhecem totalmente quem foi este grande PATRIOTA”. A importância de Gustavo Barroso é destacada não apenas na capa, mas também entre as páginas 5 e 17, que trazem sua biografia e bibliografia completa. Após a imagem de Gustavo Barroso fardado na página 6, surge uma lista com todas as suas condecorações, prêmios e afiliações, seguida da bibliografia. A apresentação culmina na página 17 com uma nota do Jornal dos Militares, datada de 5 de outubro de 1988, que diz: “Gustavo Barroso, Soldado sem Farda!”, explicando as homenagens que o exército prestou e como Gustavo era amado, o que o tornava “um autor discriminado pelas esquerdas”.

Destacado nos momentos iniciais, Gustavo Barroso ocupa uma posição-sujeito legitimadora da obra. Ele não apenas compila os textos, como também os comenta. Barroso está associado a uma posição-sujeito e a um espaço discursivo que tornam o texto mais crível, pois, como já apresentado por Pêcheux, supõe-se que Gustavo sabe do que fala, o que dá uma suposta transparência às suas intenções “patrióticas” e aos *Protocolos* em si. Ademais, ao

ocupar uma posição intelectual reconhecida, Barroso provoca um efeito de desambiguação nos *Protocolos* – pois, na dimensão dos boatos, “a credibilidade da fonte leva à maior aceitação de qualquer mensagem” (DIFONZO, 2009, p, 141). Essa credibilidade envolve as credenciais da pessoa (a posição que ela ocupa), indícios de experiência da mesma no assunto (Barroso, que ocupa posição intelectual privilegiada, tem vasta obra sobre “conspirações judaicas”) e reconhecimento por instituições consagradas (como a ABL e o Exército).

Depois dos dados bibliográficos de Gustavo Barroso, o livro se divide da seguinte forma:

- a) Páginas 19-20: Uma introdução (as “Razões desta edição”), que apresenta os autores dos prefácios da obra e atribui a ela grande importância
- b) Páginas 27-70: Os três textos introdutórios que corroboram os *Protocolos* (*O perigo judaico*, de Roger Lambelin; *A autenticidade dos “Protocolos dos Sábios de Sião”*, de W. Creutz; e “*O grande processo de Berna sobre a autenticidade dos “Protocolos” – Provas documentais por Gustavo Barroso*”).
- c) Páginas 73-155: A tradução dos *Protocolos* é trazida na íntegra e comentada por Gustavo Barroso.
- d) Páginas 161-162: Um apêndice trazendo um fragmento da Enciclopédia Judaica sobre o texto, comentado por Gustavo Barroso.
- e) Páginas 163-172: Dois apêndices finais. O primeiro alerta sobre a “despersonalização da juventude”. O segundo, assinado por S. E. Castan, traz uma série de observações sobre os *Protocolos* e o momento histórico-político do mundo.

Levando em consideração a suposição de Ramonet (1999) de que uma informação repetida diversas vezes ganha a condição de **fato**, a insistência com que se toca no tema a partir da variedade de fontes e comentários sobre a obra e as supostas atividades ocultas dos judeus reforça aqui um efeito de verdade. Esses comentários, por sua vez, são elaborados por sujeitos colocados discursivamente na seção “Razões Dessa Edição” em uma posição de “intelectuais consagrados”. Lambelin e Creutz são apresentados como estudiosos da questão judaica, enquanto que Gustavo Barroso é apontado como membro da Academia Brasileira de Letras, estudioso, redator-chefe de jornais e deputado.

Na primeira parte, *O perigo judaico*, assinado por Roger Lambelin, faz-se um resgate histórico dos *Protocolos*. O sentido de “idoneidade” ressoa ao longo do texto quando se quer classificar as fontes que apontam os *Protocolos* enquanto verdadeiros: “o grande

diário *The Morning Post*”, “os tradutores russos eram homens honrados e profundamente religiosos”. Ao mesmo tempo, ressoam os sentidos de que os judeus são predominantemente trapaceiros e caluniosos, sendo que qualquer fonte que desdiga os Protocolos está relacionada a eles – ou seja, fontes que desdizem os protocolos são igualmente trapaceiras e caluniosas. Ele aponta Luciano Wolf – que escreveu artigos para os jornais *Manchester Guardian*, *The Guardian* e *Daily Telegraph* desdizendo os protocolos – como agente judaico e presidente da Loja Maçônica de Autores. Lambelin aponta que, em um artigo do *Morning Post*, Wolf “se esforça” para apresentar “uma crítica muito confusa” aos *Protocolos*, apresentando até um “argumento infantil” contra eles (LAMBELIN, 1989, p. 32-34).

A segunda parte é escrita por um autor chamado W. Creutz, apresentado na seção “Razões Desta Edição” como

outra grande autoridade no assunto, na Alemanha, cujo trabalho já foi traduzido em muitas línguas e que se não pode dizer que seja influenciado pelo anti-judaísmo hitlerista, porquanto, antes do triunfo do nazismo, já se dedicava a esses estudos, nos quais granjeou merecida fama. (PROTÓCOLOS, p. 19)

Como afirmamos anteriormente, o trecho reitera a ideia de que este é um objeto bom e confiável, não só por ser uma suposta “grande autoridade” na questão judaica e nos Protocolos, mas também por conta de um suposto afastamento da ideologia nazista. Nota-se também ao menos três marcas de indefinição – sentido constitutivo dos boatos – caracterizando esse trecho biográfico de W. Creutz: que trabalhos são esses? Em quais línguas ele já foi traduzido? Por quem ele é reconhecido para ter granjeado merecida fama?

A seção é dividida em cinco capítulos: “Introdução”, “A Falsificação”, “Provas Superabundantes”, “Fatos Históricos”, “Camuflagem” e “O Programa”. Na Introdução, o autor atribui a crise de 1929 a uma força judaica, parabeniza a Alemanha por suas iniciativas “libertadoras” e afirma que os *Protocolos* revelam os planos de dominação mundial dos judeus. Ele cita artigos do **The Times** de 18 de agosto e 8 de maio de 1921. Há aqui um silenciamento significativo: o artigo de 18 de agosto de 1921, o autor omite, nesse primeiro momento da introdução, o fato de que tal artigo acusa os *Protocolos* de serem um plágio. Poderíamos argumentar que esse silêncio se deve ao efeito ideológico de evidência: através de seu dispositivo de interpretação, o sujeito toma como verdade determinados fatos em detrimento de outros, estabelecendo as condições de produção de leitura dos capítulos subsequentes.

Em “A Falsificação”, Creutz aponta que são de caráter duvidoso as matérias do *The Times* apresentando os *Protocolos* como um plágio. As matérias datam de 16, 17 e 18 de agosto de 1921, e o motivo para duvidar da idoneidade do jornal ter sido passado “para as mãos dum grande banqueiro israelita” (CREUTZ, 1989, p. 41), pré-construindo a imagem do judeu como ser ardiloso, dono de poder. Na sequência, Creutz expõe suas dúvidas em relação à matéria, que expõe os *Protocolos* como um plágio da obra “Diálogos no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu”. O autor fala de trechos semelhantes da Bíblia – II Reis 15, 14 e seguintes comparados a Isaías 36 – para desconsiderar o plágio, afirmando que a cópia não descaracteriza a informação. Notam-se as marcas do discurso cristão, remetendo a um efeito ideológico de verdade religiosa, *Emunah*:

Aqueles que creem, como nós, que “a Bíblia foi inspirada por Deus, que não erra”, verão nessa identidade de textos uma prova maravilhosa de sabedoria do Todo Poderoso, porque, graças a ela, podemos hoje usar dum argumento esmagador contra o Adversário  
É evidente que não foi perpetrado nenhum plágio, quer pelos autores sagrados, quer pelos diabólicos. Utilizaram simplesmente em seus escritos o material proveniente de fonte que lhes era conhecida (CREUTZ, 1989, p. 42)

Na busca por um mundo semanticamente normal e transparente, Creutz efetua ideologicamente a separação entre bons e maus elementos – as pessoas cristãs de bem e “o Adversário”, termo que atribui, através da ressonância de sentidos historicamente construídos, aos judeus as características do Lúcifer bíblico: o pai da mentira, o enganador, aquele que seduz tendo intenções ruins. Creutz conclui o capítulo defendendo que Maurice Joly, escritor dos “Diálogos no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu” era, na verdade, um judeu chamado Moses Joel. “Israel sustenta que os Protocolos foram fabricados a fim de desacreditar os judeus e eis que os horrendos pensamentos reproduzidos nesse livro [os Diálogos no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu] emanam do coração de um judeu!!!” (CREUTZ, 1989, p. 43). Ou seja: mesmo que sejam um plágio, os textos que originaram os *Protocolos* ainda teriam partido de um sujeito judeu, e portanto, não deixariam de ser menos legítimos.

No capítulo “Provas Superabundantes”, Creutz retoma a questão do plágio, mas adicionando que Joly participou de grupos comunistas montados por Judeus. Creutz supõe que os judeus armaram e se beneficiaram da Comuna de Paris – ocorrida entre 18 de março e 29 de maio de 1871.

Nos capítulos “Fatos Históricos” e “Camuflagem”, Creutz interpreta qualquer atitude política dos judeus como uma ação já prevista pelos *Protocolos*. Além da falta de

fontes, chama-nos a atenção a quantidade de marcas de indeterminação no capítulo: “Ora, está provado pelo testemunho **de pessoas que habitavam Odessa** nesse tempo que os Manuscritos dos Protocolos corriam entre os judeus da mesma cidade!”, “**Um manuscrito** dos Protocolos em francês foi guardado em Paris”, “A senhorita Glinka também foi perseguida por **inimigos inexoráveis**. De volta à Rússia, **baniram-na** da Corte e **exilaram-na** em suas terras, no Orel”. A indeterminação serve como condição de produção do boato, pois é função dele suprir a necessidade subjetiva por coerência, por determinação lógica.

No último capítulo de sua exposição, “O Programa”, Creutz faz um resumo das intenções dos Sábios de Sião, alerta para o perigo de bolchevização do mundo e recorre novamente a elementos do discurso cristão para combater o antagonista judeu: “O elemento principal do êxito é o **segredo**. Está aí porque o inimigo **invisível** fez tudo para impedir que os povos chegassem aos **conhecimentos** das manobras **sistemáticas** empregadas com o fim de estabelecer sobre a terra – *o reino do Anticristo*” (CREUTZ, 1989, p. 52). Vocábulos reforçam o efeito de silêncio, que haveria de ser significado pelos *Protocolos*. O boato, como Orlandi (2012b) aponta, é uma tentativa de dar sentido a um silêncio, satisfazendo a busca do sujeito por objetividade.

O último capítulo introdutório é “O grande processo de Berna sobre a autenticidade dos ‘Protocolos’. Provas documentais por Gustavo Barroso”. Trata-se do ponto de vista de Barroso em relação ao processo de Berna de 1934, que o autor utiliza para ancorar sua opinião quanto à veracidade do texto. Nos parágrafos introdutórios, Barroso afirma que é impossível duvidar da veracidade dos *Protocolos* graças aos estudos empregados pelo já mencionado W. Creutz e por L. Fry e Gottfried zur Beck – pseudônimos, respectivamente, de Paquita de Shishmareff, escritora da obra *Waters Flowing Eastward: The War Against the Kingship of Christ*, que defende a autenticidade dos Protocolos e faz um alerta contra a possível ameaça dos judeus bolcheviques; e do capitão Ludwig Muller von Hausen, tradutor alemão dos *Protocolos*, atribuindo-lhe relações com a Primeira Guerra e a criação da ONU (GOLDWAG, 2012). Marcas da heterogeneidade do texto, Barroso reforça o efeito de legitimização dos Protocolos ao fazer um levantamento dos estudiosos que se ocuparam deles. Ao mesmo tempo, surgem no texto novas marcas de indeterminação recorrentes dos boatos e o efeito de coerência que enunciados dessa espécie suscitam:

**Uma grande quantidade** de livros judaicos e de declarações de judeus comprovam essa autenticidade por pregarem as mesmas ideias. Além disso, é inegável que um exemplar dos Protocolos foi depositado em 10 de agosto de 1906 no British Museum sob o n° 3.926 – d ° 17. Ora, basta ler os Protocolos e passar em revista os **acontecimentos mundiais** daquela data até hoje para se ver que todos coincidem

com o que está escrito. Como os Protocolos não podiam adivinhar o que ia passar, sobretudo a guerra e o desemprego, é **lógico que tudo isso foi preparado pelos judeus**. (BARROSO, 1989, p. 55. Grifos nossos).

Depois desses parágrafos introdutórios, Barroso segue com suas observações em relação ao Processo de Berna de 1934. Segundo Rosenfeld (2011, p. 53):

Os judeus da Suíça levantaram queixa contra Theodor Fischer, antigo chefe dos nacional-socialistas suíços e editor do jornal *Der Eidgenosse*, e contra Sílvio Schnell, chefe da Frente Nacional da Suíça (aliada ao nazismo), acusando-os de que, ao difundirem os *Protocolos*, estavam violando a lei contra a literatura imprópria. Já vimos que, ulteriormente, a sentença final negou tratar-se de um escrito lascivo. A primeira ação judicial, no entanto, é de maior interesse por ter abordado, marginalmente, também a questão da autenticidade. É característico que os acusados tentaram evitar, de todos os modos, o exame desta questão, visando forçar apenas o ponto de vista puramente formal da propriedade ou impropriedade dos *Protocolos*.

Rosenfeld (2011) explica que os *Protocolos* não foram proibidos por não serem lascivos, sendo que a decisão não refletia um parecer de ordem jurídica em relação à autenticidade ou não do documento em si. Barroso, porém, acusa os membros judeus da defesa de corrupção ou mau-caratismo e traz citações de revistas que trabalham com a hipótese de autenticidade dos *Protocolos*.

Há trinta anos foram os Protocolos publicados pela primeira vez. Nesse período, **realizaram-se todas as profecias neles contidas**. O comunismo, que decorre deles e é o coroamento da obra judaica, ameaçou subverter o mundo. A civil ação cristã, antes de Mussolini e de Hitler, quase levou a breca. Tudo isso advertiu o mundo do perigo judaico. E o anti-judaísmo abrolhou **por toda a parte** como uma reação defensiva natural e necessária.

A atitude natural do judaísmo não pode ser outra senão desviar as suspeitas e tentar desfazer as provas que corroboram a miserável e covarde ação das forças ocultas a soldo de Israel no mundo.

O processo de Berna não teve outro escopo a não ser destruir, se possível, a reação baseado no conhecimento dos Protocolos. O foro da capital Suíça estava a calhar para isso, pois que ali se podiam invocar dispositivos legais, cuja hermenêutica serviria, habilmente feita, aos propósitos judaicos e mesmo se contavam elementos marxistas no seio da magistratura. (BARROSO, 1989, p. 59)

Na leitura desse parágrafo, surgem traços do discurso político reacionário e do discurso cristão, além da ressonância do pré-construído do judeu conspirador e de marcas de indeterminação. Gustavo Barroso levanta condições de produção que, ideologicamente, produzem o efeito de evidência necessário para o funcionamento do boato – as palavras ganham concretude e produzem o acontecimento. Percebemos também uma característica dos boatos já apresentada por DiFonzo (2009): ao criar um espaço discursivo do qual podemos falar (ORLANDI, 2012b), o boato, quase como que profético, serve como explicação estável para os acontecimentos.

No meio do capítulo, há uma breve nota da Revisão Editora abordando o segundo julgamento de Berna, cujo resultado continuou sendo a não proibição dos *Protocolos*, mesmo que o tribunal houvesse reconhecido que a autenticidade do livro fosse questionável (ROSENFELD, 2011). O autor da nota da Revisão Editora, por outro lado, interpreta essa não proibição como comprovação de que os *Protocolos* são autênticos, remetendo ao conceito de que a interpretação não é estável e assume características próprias para os sujeitos em suas condições de produção: “Essa anulação não impede que os propagandistas sionistas continuem a espalhar aos 4 ventos que os Protocolos são uma falsificação comprovada” (CASTAN, 1989, p. 61).

Ao longo do texto, Barroso utiliza frases sem texto como provas de que os *Protocolos* fazem sentido e representam o pensamento judeu. Para tanto, faz citações de autores e profetas judeus. Os *Protocolos* estabelecem as condições de produção de interpretação desses recortes, ao mesmo tempo que ganha mais legitimidade no processo. Após mostrar suas “evidências”, o autor prossegue com uma defesa do antissemitismo, alegando que a luta contra os judeus é necessária para que as nações possam prosperar em paz. Surgem novas marcas de indeterminação e reforça-se a ideia de que os Protocolos revelam uma verdade silenciada, remetendo à noção de *Veritas*: a verdade toma forma de um relato, interpretado como descritor da realidade.

Até hoje, dos que **ousaram** levantar os véus que encobrem ao mundo os segredos judaico-maçônicos, **poucos lograram escapar** com vida. Eu, porém, não estou olhando para esse perigo: estou cumprindo o meu dever, estou acordando o Brasil. Comecei a acordá-lo com Brasil – colônia de banqueiros. Continuo apostilando os Protocolos. Continuo na História Secreta do Brasil e **outros livros**. A documentação de que me sirvo, é, de preferência, haurida em **publicistas judeus, defensores do judaísmo**. Recorro, às vezes, a escritores de **notória imparcialidade** e mais raramente aos reconhecidamente anti-judaicos. (BARROSO, 1989, p. 68).

Ao final do capítulo, Barroso traz uma referência à obra *Jésus*, do escritor francês judeu Henri Barbusse, escritor comunista que faz uma releitura, em primeira pessoa e assumindo a voz de Cristo, da vida de Jesus, atribuindo-lhe os valores revolucionários (WEAVER, 1999). Na obra, ao fazer um levantamento sobre as boas condições para a Revolução, o personagem Jesus prega o sofrimento como característica propícia para a mudança. Barroso implica que o trecho extraído da obra coincide com o pensamento judeu exposto nos *Protocolos*, e encerra o capítulo com um chamado ao dever aos sujeitos cristãos: “Mocidade cristã do Brasil, de pé contra o Anticristo!” (BARROSO, 1989, p. 70). A tradução comentada dos *Protocolos* se segue a esse capítulo de Gustavo Barroso.

Ao final da obra, temos três pequenos apêndices. No primeiro, a opinião sobre os Protocolos retirada do *Judisches Lexicon*, a enciclopédia judaica, é brevemente comentada por Gustavo Barroso. Em três notas de rodapé, ele desconsidera qualquer argumento de que os Protocolos seriam um plágio, concluindo que se a Enciclopédia Judaica “admite dessa forma os ‘Protocolos’, como os não judeus poderão recusá-los? A defesa judaica vale por uma acusação” (BARROSO, 1989, p. 162). O segundo apêndice é atribuído ao professor mineiro Alberto Libânio Rodrigues, que faz uma interpretação da modernidade em que ressoam elementos do discurso reacionário e cristão, propondo que os valores que moviam a sociedade foram deturpados pelo sionismo liberal. Ele culpa a liberação sexual pela despersonalização dos jovens e vê nela um estratégia para conclamar um novo Messias. “Não consigo, por ora, imaginar o biótipo do novo Messias. Seu nome, porém, deverá ser *Sion* e, a nova religião, derivada do Sionismo” (RODRIGUES, 1989, p. 168). O apêndice não menciona os Protocolos, atuando como condição de produção de leitura dos mesmos, tornando a “profecia” deles mais coerente.

No último apêndice, S. E. Castan, editor-chefe da Revisão Editora, efetua a separação “normalizadora” do mundo entre bons objetos e maus objetos, como assinalado por Pêcheux (2015), ao separar os incrédulos dos inteligentes. Segundo Castan (1989, p. 169):

[...] Um deles, com toda certeza, pertencerá à Comunidade Judaica, será aquele judeu-inocente-útil do Sionismo, que sempre ouviu falar dos Protocolos, como uma falsificação, mas nunca tinha lido o livro.

O segundo incrédulo será aquele que teve, desde jovem, sua mente formada pelos filmes, livros e jornais, sempre produzidos, dirigidos ou orientados por Sionistas, e que são espalhados, divulgados e comentados por Macagaios (Raça oriunda da cruzada de macacos com papagaios – possuem grandes qualidades como imitadores – e, por falta de interesse, falta de divulgação da outra face da moeda, falta de tempo, de inteligência ou por dinheiro, vão repetindo como autômatos, o que assistiram, leram ou escutaram: o lado sionista. Os macagaios podem ser encontrados com facilidade em quase todas as empresas jornalísticas, de Rádio e de Televisão).

Tanto nas introduções quanto nos apêndices, ressoam sentidos negativos em relação à posição dos judeus. Os autores judeus mencionados na obra são apresentados como mesquinhos, comprados, desonestos, vis. Além de desmerecer qualquer argumento contrário que parta de judeus, tais atribuições de sentido fortalecem o efeito de que o judeu é um inimigo e que seus Protocolos são a prova cabal de seus planos anticristãos e comunistas. Pelo esquecimento de **número dois**, os autores atribuem interpretações específicas aos textos dos judeus e aos Protocolos, desconsiderando quaisquer outras possibilidades e vendo nas palavras uma suposta clareza de pensamento.

Os autores, em seus textos, omitem qualquer engajamento direto em relação às fontes que suportam os Protocolos enquanto verdade. Segundo Charaudeau, esse afastamento “produz efeito de objetivação e de autenticação. O sujeito que fala traz uma informação como se a verdade não pertencesse a ele e só dependesse de si mesma” (CHARAUDEAU, 2013, p. 54). Logo, o efeito desses textos não parece se configurar como uma opinião, mas como uma certeza pautada em fontes confiáveis para os autores.

Conclui-se, a partir daí, que a edição brasileira dos *Protocolos* trabalha as condições de produção imediatas que legitimam o dizer do principal texto da obra. São textos acessíveis, que fazem parte da própria estrutura enunciativa, construindo uma cadeia interdiscursiva que almeja preparar e direcionar o aparato subjetivo e memorial da interpretação.

### 5.3 ANÁLISE DO CAPÍTULO XVI DOS PROTOCOLOS

A edição brasileira dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, como já mencionamos, é composta por 24 capítulos, cada um introduzido por um parágrafo resumidor e comentado por Gustavo Barroso através de notas de rodapé. Não nos é apresentado um autor definitivo para ele, mas há marcas de uma “figura autor imaginada que joga no seu lugar; lugar presumido de sua responsabilidade” (ORLANDI, 2012b, p. 145), aspecto fundamental dos boatos. O autor original dos Protocolos assume uma posição-sujeito de judeu conspirador e projeta essa figura autoral presumida no texto, amparado por pré-construídos discursivos e históricos que ressoaram na macroestrutura do texto. Na cadeia intradiscursiva, a figura do autor é construída pela constante repetição da primeira pessoa do plural, abrindo espaço para três efeitos característicos: uma adesão ao grupo dos judeus conspiradores; a provocação de um efeito de vaguidade característico do boato; um apagamento de qualquer autoria imediata. Pelo intermédio do “nós”, segundo Indursky (2013, p. 82), “o locutor pode se associar a referentes variados, sem especificá-los linguisticamente, daí decorrendo a vaguidade do seu dizer”.

O recorte dos Protocolos que será objeto de nossa análise será o capítulo dezesseis, que trata sobre educação e manipulação pela imagem. Em suas duas páginas, a primeira pessoa do plural – seja na forma do pronome nós ou na de desinências verbais – repete-se por dezenove (19) vezes. A maior parte dessas repetições se dá através de desinências integrando verbos conjugados no futuro do presente – no total, dez (10) verbos estão conjugados dessa forma –, criando a percepção de que há um plano em andamento e que

ele se concretizará em breve. Outro efeito possível dessa recorrência da primeira pessoa do plural é, para além da criação da suposta figura autor, a projeção de uma figura leitor imaginada; no caso, o judeu conspirador que supostamente deveria ficar ciente dos Protocolos. Além do “nós”, o autor utiliza três vezes verbos conjugados na segunda pessoa para se referir ao leitor, incluindo-o no grupo da conspiração. Ressoam, também, termos que trazem a ideia de silenciamento, ocultação, remetendo à figura do judeu mesquinho e esperto.

Logo no parágrafo inicial, estabelece-se uma separação valorativa entre o grupo autoral projetado (os judeus conspiradores) e os outros grupos políticos e religiosos, em especial o cristão. Outro fator de legitimação é a citação do político e educador francês Jean Bourgeois, membro fundador da Liga das Nações e proponente de uma educação voltada à esfera visual (ECO, 2001). Ilustramos esses aspectos através de algumas Sequências Discursivas (doravante, SD) dos Protocolos (1989, p. 129):

SD1: A fim de destruir todas as forças coletivas, exceto as **nossas, supriremos** as universidades, primeira etapa do coletivismo, e **fundaremos** outras com um novo espírito. Seus reitores e professores serão preparados **secretamente** para a sua tarefa por meio de programas de ação **secretos** e **minuciosos**, dos quais se não poderão afastar uma linha. Serão nomeados com uma prudência muito especial e serão inteiramente dependentes do governo.

SD2: Foi preciso que **introduzíssemos** em sua educação todos os princípios que tão brilhantemente enfraqueceram sua ordem social. Mas, quando **estivermos** no poder, **afastaremos** da educação todas as matérias de ensino que possam causar perturbação e **faremos** da mocidade crianças obedientes às autoridades, amando quem os governa, como um apoio e uma esperança de tranquilidade e paz.

SD3: O sistema de repressão de pensamento **já está em vigor** no método denominado do *ensino pela imagem*, que deve transformar os **cristãos em animais dóceis**, que não pensam e esperam a representação das coisas e imagens a fim de compreendê-las... Na França, um de **nossos** melhores agentes, **Bourgeois**, já proclamou o novo programa de educação pela imagem.

Ao trazer em sua cadeia intradiscursiva alguns verbos no pretérito, cria-se o efeito de que o plano já está em execução e que seus resultados virão com o tempo. O boato cria seu efeito de verdade baseado na *convicção*, “a qual só pode ser apreendida empiricamente, através dos textos portadores de julgamentos” (CHARAUDEAU, 2013, p. 49). Ao julgar as sociedades cristãs atuais e separar o que seria positivo do que seria negativo para o povo judeu, os *Protocolos* criam um efeito de verdade e se legitimam. Com seu efeito de verdade, os *Protocolos* são responsáveis, como aponta Orlandi ao refletir sobre as características dos boatos, pela “irrupção de um real que demanda sentidos, que reclama interpretação, exposição em estado bruto da necessidade de se construir a relação causa/consequência” (2012b, p. 245). Os *Protocolos* exigem ser interpretados por se firmarem como uma materialidade objetiva.

O texto é heterogeneamente constituído por fragmentos do livro “Diálogos no Inferno Entre Maquiavel e Montesquieu”, do autor Maurice Joly. Na obra, Maquiavel e Montesquieu argumentam sobre qual a melhor forma de reger a sociedade. Os autores usaram

os diálogos atribuídos a Maquiavel – autor historicamente conhecido pela obra *O Príncipe*, na qual apresenta medidas consideradas autoritárias de governar – para elaborar os enunciados da obra conspiratória.

SD4: **Excluimos** do ensino o direito cívico, assim como tudo o que concerne às questões políticas. Essas matérias serão ensinadas a algumas dezenas de pessoas, escolhidas por suas faculdades eminentes. As universidades não devem deixar sair de seus muros fedelhos que formem projetos de constituição, como se compusessem comédias ou tragédias, e que se ocupem de questões políticas que seus próprios pais nunca entenderam. O mau conhecimento que a maioria dos homens tem das questões políticas faz deles utopistas e maus cidadãos: **podeis** verificar pessoalmente o que sua educação geral fez dos **cristãos**. Foi preciso que **introduzíssemos** em sua educação todos os princípios que tão brilhantemente enfraqueceram sua ordem social Mas, quando **estivermos** no poder, **afastaremos** da educação todas as matérias de ensino que possam causar perturbação e **faremos** da mocidade crianças obedientes às autoridades, amando quem os governa, como um apoio e uma esperança de tranquilidade e paz. (PROTÓCOLOS, 1989, p. 129)

SD5: [...] Contudo, não **posso** abandonar este assunto sem te dizer que **considero** muito importante vetar os estudos de política constitucional no ensino de direito. [...] As minhas razões são muito simples: não **quero** que, ao sair das escolas, os jovens se ocupem da política a torto e a direito e que aos dezoito anos se metam a fazer constituições como se fazem tragédias. Um ensino desse tipo só falsearia as ideias da juventude e a iniciaria prematuramente em questões que superam a medida de sua razão. Com essas noções mal digeridas e mal compreendidas são preparados falsos estadistas, utopistas cujas temeridades de espírito mais tarde se traduzem em ações temerárias. É preciso que as gerações que nascem sob meu reinado sejam educadas no respeito às instituições estabelecidas, no amor ao príncipe. (JOLY, 2012, p. 142)

Sendo a paráfrase “a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo” (ORLANDI, 2013, p. 38), o boato ressoa o texto de Joly e o ressignifica ao cercá-lo de discursos que modificam suas condições de produção de interpretação, ao estabelecer um antagonismo entre judeus e cristãos e ao substituir o efeito de opinião pessoal (reforçada pelo pronome **eu** e verbos como “considero” e “quero”) por um de convicção político-grupal (representado pelo pronome “**nós**” e verbos no futuro do presente). Cria-se assim um efeito de verdade sustentado pelas três definições apresentadas por Chauí (*Alethéia, Veritas e Emunah*) – os *Protocolos* discursivizam sentidos históricos e percepções sociais de como o mundo *seria* antes do plano judeu (um lugar aparentemente livre e cristão), como o mundo atualmente *é* (com conspiradores judeus exercendo sua influência negativa na forma de verbos no presente e no passado) e de como o mundo *será* (conquistado pelos judeus). Essas relações serão reforçadas, também, pelas notas de rodapé de Gustavo Barroso.

Ao longo dos capítulos principais dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, Gustavo Barroso tece comentários acerca de determinados trechos, buscando trazer novas informações acerca da obra. Novamente, ocupando sua posição de intelectual, Barroso busca desambiguar a obra. Segundo Maingueneau, ao falar do processo de aforização – uma espécie de enunciado destacado, tais como *slogans*, aforismos e citações –, “partindo do postulado de que a aforização resulta de um processo de destacamento que é pertinente, o

leitor deve construir interpretações que permitam justificar essa pertinência” (2014, p. 15). Em suma, um dos efeitos das citações que Barroso faz de judeus é a criação da correlação entre os planos delineados nos *Protocolos* e os enunciados de judeus apresentados como notórios, o que por sua vez remete à heterogeneidade constitutiva dos sentidos:

SD6: **Riscaremos** da memória dos homens todos os fatos dos séculos passados que não forem agradáveis, somente conservando dentre eles os que pintam os erros dos governos **cristãos**. (PROTÓCOLOS, 1989, p. 129)  
SD7: A história com esse sentido mentiroso, falso e caluniador já vem sendo de longa data feita pelo judeu, que quer apagar a memória da experiência e dos feitos dos povos cristãos. Seu ideal é transformá-los em gado e gado não tem história... “Substituiremos o classicismo”, dizem os “Protocolos”. Por quê? Responde claramente o judeu Pierre Parraf, em “Israel”, 1931, p. 162: **“O classicismo marca evidente regresso à tradição católica”**. (BARROSO, 1989, p. 129)

Barroso interpreta que a frase de Parraf dá legitimidade aos Protocolos por ser representação inequívoca do pensamento judeu, consequência da ação do esquecimento número dois. Uma vez que o sujeito precisa justificar pela interpretação a pertinência da frase aforizada, os *Protocolos* tornam pertinente a afirmação e se validam no processo. Na interdiscursividade, boato e citação dialogam entre si e criam suas próprias condições de produção. A interpretação da frase aforizada é reconduzida pelo boato, que por sua vez é legitimado e reinterpretado pelo efeito do subtexto destacado.

## 6 ANÁLISE DO BOATO COREIA DO NORTE CAMPEÃ DA COPA DE 2014

### 6.1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DO BOATO

No dia 11 de julho de 2014, um canal de YouTube nomeado “Korea News Backup” publicou um vídeo visualizado mais de 1,8 milhões de vezes em um mesmo dia (LOPES, 2014) que exibe imagens de uma suposta montagem feita pelo governo da Coreia do Norte para convencer seus cidadãos de que o país havia alcançado as oitavas de final da Copa do Mundo FIFA, classificando-se para disputar a vaga para as quartas contra Portugal. À época, a Copa ocorria no Brasil e a Coreia do Norte não participava do campeonato.

Com legendas em coreano que podem ser traduzidas automaticamente pelo YouTube, o vídeo exibe uma repórter comentando as sucessivas vitórias da Coreia do Norte. Imagens da Copa de 2010, da qual o país participou, são mostradas como se fossem atuais. Uma torcida acompanhando tudo por telões vibra quando um gol é feito pelo time coreano e quando Kim Jong-Un aparece acenando.

Texto de Imagem 2 – Kim Jong-Un é ovacionado pela torcida brasileira



Captura de Tela. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJoRZOK18Fg>>

Acesso em: 16 mar. 2016

Os “resultados” dos jogos mostram que o país passou por seus adversários com facilidade: vitória por sete gols contra o Japão, quatro contra os Estados Unidos e dois contra a China. Ao final, a repórter anuncia:

*Na próxima fase, oitavas de final, a destemida seleção coreana enfrenta Portugal, que conta com o talento de um dos 3 melhores jogadores do mundo, Cristiano Ronaldo. Força Coreia! Kim Jong-un e os filhos da pátria coreana contam com vocês para representar nossa nação! (MORAIS, 2014)*

Apesar de as imagens conferirem maior legitimidade à postagem – uma vez que a edição do discurso imagético direciona o sentido, criando uma ligação direta ilusória com o real (SOUZA, 2001) –, os aspectos de indefinição autoral marcantes do boato permanecem presentes no vídeo. Quem é o responsável pelo *Korea News Backup*? Que tipo de canal ele é? Qual sua função? Como ele conseguiu captar essa notícia dos canais norte-coreanos? Indeterminações que favorecem a circulação dos boatos, uma vez que caberá ao sujeito dar sentido à existência material-discursiva do canal.

Há uma continuação que mostra a Coreia do Norte ganhando a Copa após vitória de 8 a 1 contra o Brasil. Tal vídeo não repercutiu tanto quanto o primeiro e foi menos visualizado e comentado. A última postagem do canal “Korea News Backup” é um vídeo protagonizado pelo criador do site humorístico “Não Salvo”, Maurício Cid Fernandez Morais, esclarecendo que tudo não passou de uma brincadeira. Em postagem feita em seu blog no dia 24 de julho de 2014, o autor conta como, anonimamente, elaborou tudo e viralizou o conteúdo falso.

**Por que o Não Salvo escolheu a Coreia do Norte?** Como todo mundo sabe é quase impossível bater uma informação que venha de la, **primeiro** pq todos os meios de comunicação são estatais, **segundo** pq é um dos países mais fechados em termos de comunicação externa com outros países que existe, logo, qualquer coisa vinda de la demoraria para ser validada por qualquer pessoa, **terceiro**, a **Coréia do Norte** é bem loka. **Quarto**, **Kim Jong Un** é ainda mais loko.<sup>3</sup> (MORAIS, 2014).

À Coreia do Norte são atribuídas diversas notícias tragicômicas relativas à vida política local, como demonstram os casos envolvendo a queixa sobre o filme de comédia “A Entrevista” perante a ONU – ativistas norte-coreanos chegaram a derrubar os servidores da Sony, que produziu o filme – e a proibição de cortes de cabelo diferentes dos do presidente

---

<sup>3</sup> Decidimos trazer os textos de Morais como publicados no blog Não Salvo, sem fazer quaisquer alterações de escrita e optando por não utilizar a expressão (sic). As palavras em negrito também foram deixadas intactas.

Kim Jong-un e de sua primeira-dama (RUIC, 2014). Com a circulação desses discursos são estabelecidas condições de produção favoráveis para a criação de um boato. Outro fator é o canal que continha o vídeo, que comportava outras reportagens da televisão norte-coreana. Essas inúmeras materialidades que compunham o canal acabaram dando maior legitimidade ao boato. Segundo o próprio Morais (2014):

Então **ficamos por 3 meses atualizando o canal** com diversos videos de noticias norte coreanas, desde esportes, até novidades militares. Algumas eram mais antigas, outras mais novas, mas tudo bem, era mais pra encher linguiça, e se alguém entrasse para investigar o canal veria que era algo sério, constantemente e ha muito tempo atualizado e não que tinha sido criado do dia pra noite para um troll. Todos os videos foram publicados com descrição e titulo em coreano tb para passar mais veracidade para os curiosos e paraquedistas de plantão!

O vídeo foi bastante visualizado, contando com quase 9 milhões de exibições. Morais (idem) apresenta que o primeiro jornal internacional a comentar sobre o vídeo foi o inglês Metro.

Texto de Imagem 3 – Metro Divulga a Notícia

The image shows a screenshot of a Metro news article. At the top is the Metro logo and navigation links for News, Sport, Guilty Pleasures, Entertainment, and Life & Style. Below that is a sub-navigation bar with categories like Sport, Oddballs, Football, Club Metro, F1, Rugby Union, Cricket, Tennis, Golf, and Boxing. The main headline reads "North Korea media telling fans team has reached World Cup final" by Jamie Sanderson. It features a share count of 116.8k and buttons for sharing on Facebook and Twitter. Below the text is a video player showing a scene from the 2014 FIFA World Cup where North Korean officials are celebrating on a podium with trophies. The video player has a Korean title: "브라질 2014 - North Korea wins the group stage on ...".

Disponível em: <[www.naosalvo.com.br/desafio-aceito-25-fazer-da-coreia-do-norte-campeada-copa/#](http://www.naosalvo.com.br/desafio-aceito-25-fazer-da-coreia-do-norte-campeada-copa/#)> Acesso em: 1 mar. 2016

Conforme conta Morais, o primeiro nome conhecido a espalhar o boato no Brasil foi Danilo Gentili, humorista que costuma se posicionar contra governos de esquerda nas redes sociais. Outros portais como o Globo Esporte, o americano Bleacher Report, o Yahoo

Sports e o Voice of Russia publicaram notícias envolvendo seu vídeo, fazendo-o repercutir e alcançar mais leitores.

Destacamos aqui dois canais com histórico de confiabilidade e que passaram adiante o boato de alguma forma. O “Meio de Campo”, blog do canal Globo Esporte, replica a notícia com termos de indeterminação característicos do boato: “**suposto canal**”, “**suposto jornal**”, e cria as condições de produção de leitura, criando certo efeito de legitimidade:

as **imagens** são de um suposto jornal do país que mostra uma situação completamente fora da realidade, **tudo por conta do regime ditatorial que vive o país**, dominado por Kim Jong-un, e **considerado o mais fechado do mundo, política e economicamente** (VÍDEO..., 2014, grifos nossos)

A página de esportes do R7, o portal online de notícias da Record, resgata condições de produção que dão legitimidade ao boato. No texto, além das marcas de indeterminação, o canal toma o vídeo como verdadeiro e apresenta seus motivos para tal, trazendo à cadeia intradiscursiva características norte-coreanas construídas interdiscursivamente:

**Alguns** disseram que o vídeo é falso, embora as imagens sejam **convincentes e tenham** o estilo visual das peças de propaganda do governo da Coreia do Norte. **Os jornais que afirmaram** que o vídeo é verdadeiro apontaram que enganar a população é uma **forma do governo tentar reverter o que aconteceu na Copa de 2010**, quando a seleção norte-coreana tomou uma goleada de 7 a 0 para Portugal, mostrada ao vivo no país. (VÍDEO..., 2014, grifos nossos)

Canais jornalísticos tiveram sua importância na viralização do boato ao conferir-lhe legitimidade e divulgando-o para inúmeros leitores de todas as nacionalidades. Mesmo com boa exposição midiática, a autoria da brincadeira só foi confirmada com a postagem do último vídeo do canal Korea News Backup. No período que precedeu a revelação, alguns internautas, na tentativa de identificar os autores por trás do boato, sugeriam que a pegadinha havia sido elaborada por sul-coreanos. Desmascarado o autor, o boato perde totalmente sua força. Boa parte dos veículos de comunicação que reproduziram o boato editam as notícias relacionadas ao vídeo, agora tornado piada.

## 6.2 ANÁLISE MACROESTRUTURAL DO BOATO

Segundo Hitchens (2004), a República Popular da Coreia do Norte é um país militarizado de linha comunista conhecido pela força de seus veículos de propaganda e por

sua política isolacionista, controlando rigidamente suas fronteiras para evitar a entrada de estrangeiros e a saída de habitantes locais. Pelo seu isolamento e costumes, a Coreia do Norte torna-se objeto de interesse dos sujeitos que buscam dar sentido ao mundo – principalmente aqueles que navegam na internet. Ao falar sobre o assombro como elemento importante da arte e do conhecimento – a busca pela surpresa em um mundo tradicionalmente monótono –, Canclini afirma que as maiores fontes de assombro no mundo conectado na internet provêm “da diversidade do mundo presente na própria sociedade e daquilo que está distante ou é ignorado e que a conectividade aproxima” (CANCLINI, 2008, p. 15). Portanto, fontes online que “esclareçam” aspectos da Coreia do Norte podem causar assombro e arregimentar leitores virtuais. O aspecto de novidade, em conluio com os silêncios da Coreia do Norte, materializam condições de produção próprias para o boato.

O canal “Korea News Backup” surge no dia 14 de abril. Trata-se de um canal de YouTube que não possui descrição e nem especifica seu objetivo. O canal possui quarenta vídeos que retratam desfiles, paradas e notícias desportivas. A criação da identidade do canal e da posição ambígua que ele projeta se dá pelos seus vídeos: o canal não utiliza o espaço de autobiografia, sendo que a escrita verbal só se materializa nas legendas automáticas dos vídeos, nos títulos dos vídeos, no espaço de descrição de alguns vídeos. Para Barton e Lee (2015, p. 114), pela atividade verbal online “carregamos uma imagem, criamos um perfil, também estamos construindo uma autobiografia, uma narrativa de quem somos e de que tipo de pessoa queremos que os outros vejam em nós”. Se tomarmos os vídeos como manifestação iconicoverbal, como o faz Vilches (1997), podemos concluir que a postagem dos vídeos sem qualquer informação macroestrutural que lhes dê suporte insere o canal em uma posição vaga, gerando uma identidade que não se firma. O espaço de incerteza em relação ao autor, como já reforçamos, é constitutivo dos boatos. Tendo em vista os conhecimentos pré-construídos sobre a Coreia do Norte, um dos efeitos que se tem em relação à autoria é o de um silenciamento pela censura que caracteriza o governo do país.

Na página principal do canal Korea News Backup predomina a cor vermelha, remetendo ao comunismo. A bandeira da Coreia do Norte ocupa a capa da página – um banner ilustrativo que fica acima da lista de vídeos. A bandeira atribui uma posição política ao país: ela é majoritariamente vermelha e possui uma estrela alinhada à esquerda – cor, desenho e posição do desenho simbólicos para o comunismo.

Assim sendo, argumentamos que as cores e os símbolos da bandeira, as cores, as fardas ressoam nos vídeos da Coreia do Norte, reforçando e resgatando a posição política do país, o que por sua vez confere legitimidade aos vídeos e ao canal como fonte de informação.

Além de resgatar sentidos políticos históricos, os vídeos “evocam” pré-construídos da Coreia do Norte, passando um maior efeito de “transparência” à imagem.

Texto de Imagem 4 – Bandeira da Coreia do Norte

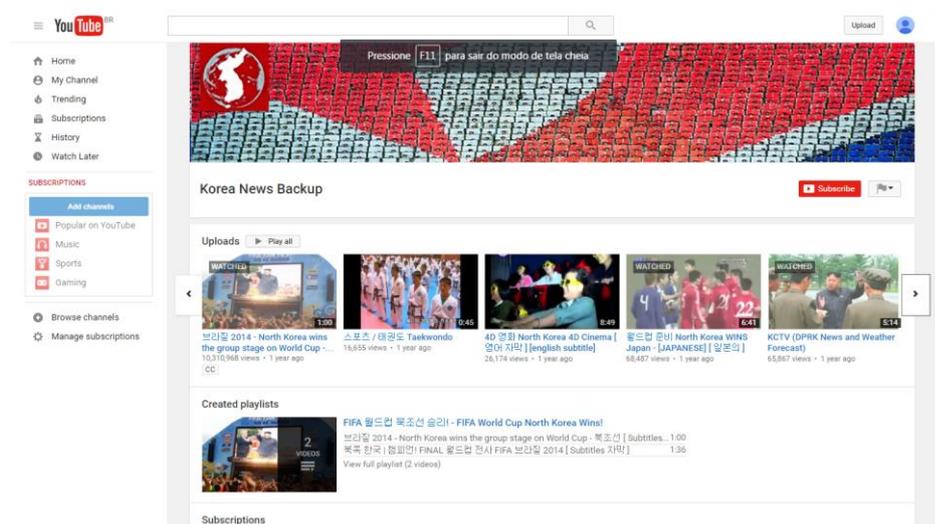


Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira\\_da\\_Coreia\\_do\\_Norte](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_da_Coreia_do_Norte)>

Acesso em: 15 mar. 2016

A imagem de “perfil do canal” mostra um globo em vermelho sobreposto por um mapa das duas Coreias reunidas. Novamente, ressoam símbolos do comunismo na forma da cor vermelha e da união dos povos.

Texto de Imagem 5 – Captura de tela da Página principal do Korea News Backup



Captura de tela. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/user/koreanewsbackup>> Acesso em: 16 mar. 2016

No dia 9 de abril de 2014, Kim Jong-un foi reeleito líder supremo da Coreia do Norte, dando continuidade à dinastia da família Kim. A notícia foi veiculada por meios de comunicação tradicionais, tais como o G1 (Portal online da Globo), a Carta Capital e a

Agência Brasil. O vídeo inaugural do canal retomará tal informação. O vídeo é nomeado 축하 재선거 - 시작 (“Começo da Congratulação pela Reeleição”, em tradução livre), e data de 14 de abril de 2014. Assim sendo, o vídeo não está desvinculado de uma verdade fatural e legitimada anteriormente pelo jornalismo: trata-se de uma manifestação discursiva fílmica ancorada em algum saber anteriormente construído pelos jornais. No vídeo, imagens do que parece ser um desfile cívico-militar, repetindo a imagem dos desfiles da União Soviética, da Alemanha Hitlerista e de outros regimes totalitários:

Texto de Imagem 6 – Primeiro vídeo do Korea News Backup



Captura de tela. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J5rmhsCi2I4>> Acesso em 16 mar. 2016

Texto de Imagem 7 – Desfile de 1979 da Revolução de Outubro



Fonte: Captura de tela. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PZJA4r-Y8uU>>. Acesso em: 16 mar. 2016

Outro fator que confere o efeito de veracidade aos vídeos que o canal traz é sua completa falta de engajamento com a informação. Quando o informador não explicita seu engajamento, “a informação é dada como *evidente*, sem contestação possível. [...] O sujeito

que fala traz uma informação como se a verdade não pertencesse a ele e só dependesse de si mesma” (CHARAUDEAU, 2013, p. 54). Ao apagar seu julgamento em relação aos próprios vídeos, o canal assume uma posição de “transmissor de fatos” na forma de imagens. Por sua vez, um dos efeitos causados por imagens é o de credibilidade – intensificado quando se leva em consideração os pré-construídos relativos à Coreia do Norte. Segundo Vilches (1997, p. 88), ao abordar a questão da imagem em movimento:

El lenguaje del cine y de la televisión se expresan a través de la lógica temporal de las acciones que exhiben (y de cf. la gran carga de *realidad* y de credibilidad con que aparecen los hechos representados, los personajes y las cosas), pero también a través de la lógica discursiva que construye el realizador y su equipo técnico. La lógica temporal se refleja a la *realidad filmada*, mientras que la lógica discursiva tiene que ver con el discurso fílmico *sobre* la realidad prefilmica. Ambas lógicas se hallan construídas en el filme de una manera definitiva, como un texto cerrado.

Charaudeau acrescenta ainda que a imagem não tem apenas um efeito de transparência – ela carrega consigo toda uma interdiscursividade, provocando o que ele chama de efeito de evocação. Nas palavras do autor, a imagem

desperta, em nossa memória pessoal e coletiva, lembranças de experiências passadas sob a forma de outras imagens [...]. Esse poder de evocação da imagem vem perturbar seu efeito de transparência, pois interpretamos e sentimos a imagem, ao mesmo tempo, através da maneira pela qual ela nos é mostrada e através de nossa própria história individual ou coletiva (2013, p. 255)

A imagem, portanto, não remete a um significado pleno e facilmente localizável. Se a imagem se constitui enquanto discurso, então ela provoca seus efeitos de sentido interdiscursivamente no campo da interpretação. No caso do boato da Coreia do Norte, há um forte elemento político em jogo, o que é constitutivo para a análise de imagem. Para Souza (2013, p. 292), ao tomar a imagem enquanto discurso, é preciso situá-la politicamente, pois “analisar a imagem como discurso é buscar entender a textualização do político no âmbito do não-verbal”.

Para a análise do boato sobre a chegada às finais da Coreia na Copa, reestabelecemos as condições de produção e veiculação do canal. O primeiro vídeo do canal que tratará efetivamente sobre futebol data de 5 de junho de 2014. Ele traz imagens de um jogo válido pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2014 e vencido pela Coreia do Norte por 1 a 0, sendo que o adversário era o Japão. A torcida vaiou o hino do Japão e as jogadas da seleção japonesa, uma vez que o jogo ocorreu na capital da Coreia do Norte, Pyongyang. Argumentamos que este vídeo projeta e antecipa alguns dos efeitos de sentido – como

veremos na próxima seção – do boato que será nosso objeto de análise: o time norte-coreano, vestido com as cores vermelhas, é festejado pela torcida e é exibido como vitorioso.

A seção de comentários permanece fechada em todos os quarenta vídeos, impedindo que os sujeitos tragam suas opiniões. O silêncio da censura na área de comentários reitera o silêncio da censura dos habitantes da Coreia do Norte, cuja comunicação com os outros é limitada. Conclui-se daí que o canal tem uma macroestrutura que foge dos padrões de outros canais de YouTube, que geralmente contêm descrições mais detalhadas e abrem espaço para comentários. Segundo Barton e Lee (2015, p. 60):

Embora seja primordialmente um *site* de vídeo, o YouTube é rico em espaços de escrita. Além de legendas e anotações, que podem ser facilmente adicionadas à tela do vídeo usando o editor de vídeo embutido do YouTube, a seção de *comentário* é o principal espaço de escrita interativa do *site*. Os comentários do YouTube aparecem abaixo do vídeo. Tal como acontece com os vídeos, os comentários podem também ser avaliados por usuários (votar a favor ou contra).

Fechar esses espaços de escrita, portanto, é silenciar uma ferramenta interativa fundamental do YouTube e traz mais vaguidade e incertezas em relação ao canal. Quais seus propósitos? Quem o coordena? Por que não se manifesta através dos espaços de descrição? E por que não deixa os usuários comentarem?

### 6.3 ANÁLISE DO VÍDEO DA ATUAÇÃO DA COREIA DO NORTE NA COPA

O vídeo ”*브라질 2014 - North Korea wins the group stage on World Cup – 북조선 [Subtitles 자막]*” foi postado no dia 11 de julho de 2014; portanto, dois dias antes das finais da Copa do Mundo no Brasil (13 de julho de 2014). Assim como os outros vídeos do canal, sua seção de comentários está fechada. O vídeo conta apenas com duas pequenas frases descritivas no seu corpo de informações. A primeira é “*North Korea wins the group stage and will play with Portugal (playoff) in the FIFA World Cup in Brazil*”<sup>4</sup>. A língua inglesa aparece tanto no título quanto na descrição do vídeo, criando um efeito de universalização da informação, de algo que não deveria estar restrito aos Norte Coreanos. Na sequência, há uma outra frase em coreano: *격전의 경기에서 흰색 유니폼을 입은 북조선 팀은 중국을 2 x 0으로 승리하면서 해당* (Em tradução livre: “A seleção Norte-Coreana, de uniforme branco, ganha uma dura partida contra a China por 2 a 0”). Ambas as frases instauram condições de

---

<sup>4</sup> Em tradução livre: “Coreia do Norte vence a fase de grupos e jogará contra Portugal na Copa do Mundo do Brasil”

interpretação do vídeo. Outras condições de produção imediatas que consideramos importantes é a seção de “vídeos relacionados”, sempre à direita dos vídeos de YouTube. A seção é gerada automaticamente: cada vídeo relacionado tem um número alto de reações positivas de usuários – valor medido pelo número de “polegares positivos” abaixo da contagem de visualizações do vídeo – e uma boa taxa de interesse – medida pelo número de visualizações e de tempo de permanência no vídeo (BARROS, 2012). Os vídeos relacionados fazem ressoar os efeitos de isolamento, silenciamento e censura, propaganda e excentricidade.

### Texto de Imagem 8 – Começo do vídeo e sua seção de vídeos relacionados



Captura de Tela. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJoRZOK18Fg>>

Acesso em: 16 mar. 2016

O começo do vídeo reforça o momento da enunciação através da apresentação do símbolo da Copa do Mundo no Brasil. A bandeira – que, como argumentamos, aqui é elemento de posicionamento político – ondula atrás da âncora do suposto jornal, indicando o país que será destacado na matéria jornalística. O logo da Central Televisiva da Coreia do Norte permanece fixo no canto superior esquerdo da tela, conferindo uma pressuposta oficialidade governamental à peça. O efeito de oficialidade e de credibilidade que a peça tem é também reafirmado pela mulher em sua posição de âncora de telejornal, uma espécie de porta-voz do estado:

Texto de Imagem 9 – Início do vídeo com legendas ativadas



Captura de Tela. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJoRZOK18Fg>>

Acesso em: 16 mar. 2016

As legendas geradas automaticamente provocam um efeito de vaguidade e incerteza ao vídeo, elementos predominantes dos boatos. Por não levar em consideração elementos de coesão e coerência textual, a legenda força o sujeito a buscar pela desambiguação enunciativa e discursiva através de sua relação com as imagens e com outros discursos. Como veremos, ressoam nas legendas termos valorativos que engrandecem a atuação do time e da nação da Coreia do Norte, construindo o caráter propagandístico projetado no boato.

Na sequência, uma imagem externa da Arena Corinthians é mostrada. As arquibancadas aparecem cheias de sujeitos vestidos de vermelho, remetendo novamente à posição política da Coreia do Norte. Close na torcida: bandeiras norte-coreanas são balançadas pelos torcedores. A bandeira é um elemento recorrente no vídeo, destacando o caráter ufanista do país. As legendas continuam confusas, mas tentam formar uma relação com a verdade fatural quando afirmam que a Coreia (representada por “guerreiros”, aqueles que lutam pelo país) estaria participando da Copa pela terceira vez. De fato, a Coreia só participou duas vezes no Campeonato Mundial: uma em 1966 e outra em 2010. Ao afirmar que o país está encarando a Copa pela terceira vez, cria-se um efeito de “enganação” que se sustenta no pré-construído de censura e manipulação da Coreia do Norte.

### Texto de Imagem 10 – Torcida Norte-Coreana



Captura de Tela. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJoRZOK18Fg>>

Acesso em: 16 mar. 2016

Após destacar a bandeira da Coreia do Norte, a câmera apresenta os jogadores norte-coreanos de branco – informação que é assegurada pelas legendas. A China, adversária retratada no vídeo, joga de vermelho. A legenda indica que a partida acabou com o placar de 2 a 0 para a Coreia do Norte. Imagens dos gols e da comemoração dos jogadores, ovacionados pela torcida. Destacamos, na legenda, o uso do pronome “nossa”, que reestabelece uma identidade de grupo à peça.

### Texto de Imagem 11 – Gols da Coreia do Norte



Captura de Tela. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJoRZOK18Fg>>

Acesso em: 16 mar. 2016

A essas imagens, segue-se a comemoração do público brasileiro na praia de Copacabana. Considerando-se o efeito de pré-construído relativo às propagandas norte-coreanas, tidas usualmente como manipuladoras e exageradas, o trecho do vídeo projeta uma suposta adoração global pelo líder norte-coreano Kim Jong-Un, aqui descrito como “líder supremo do mundo”. Por conta da sua relação com tal pré-construído, o vídeo transmite maior credibilidade pelo fato de não parecer crível – parecendo apenas mais uma das montagens com aspectos de grandeza do organismo estatal de televisão. Vê-se algumas camisas vermelhas com detalhes em azul, as cores da bandeira norte-coreana. Originalmente torcedores do Chile, os sujeitos que aparecem aplaudindo Kim Jong-Un no telão são inseridos em uma nova posição significativa na cena enunciativa.

Texto de Imagem 12 – Kim Jong-Un ovacionado em Copacabana



Captura de Tela. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJoRZOK18Fg>>

Acesso em: 16 mar. 2016

O efeito de absurdo é ainda reforçado pela imagem seguinte, que mostra o placar dos jogos que a Coreia do Norte teria vencido para chegar às semifinais. O vídeo, a seleção cf. norte-coreana derrotou dois de seus rivais históricos com facilidade – Japão e Estados Unidos, por 7 e 4 gols respectivamente –, enfrentando problemas apenas com a China, aliada política igualmente comunista. O enfrentamento que o vídeo traz remete às tensões da Coreia do Norte com outras nações, estabelecendo um laço interdiscursivo com a realidade material e intensificando a credibilidade do boato. Ao mesmo tempo, a indeterminação de quando e onde ocorreram esses jogos, além da falta de vídeos sobre eles no canal, institui mais vaguidade ao

boato. A legenda tacha o time como “valoroso”, trabalhando o sentido ufanista vinculado à Coreia do Norte:

Texto de Imagem 13 – Placares dos jogos anteriores



Captura de Tela. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJoRZOK18Fg>>

Acesso em: 16 mar. 2016

Mostra-se que o adversário final da Coreia do Norte será a seleção de Portugal. Imagens do jogador Cristiano Ronaldo surgem, as legendas atribuindo-lhe grande fama, construindo um obstáculo que a seleção norte-coreana teria de enfrentar. Novamente, o efeito de absurdo se dá na relação do vídeo com os pré-construídos interdiscursivos: na Copa de 2010, a Coreia do Norte perdeu para a seleção portuguesa por 7 a 0. Ao parecer uma mentira, o vídeo contraditoriamente ganha credibilidade. Novas relações com o político surgem nas imagens logo na sequência, quando surgem os rostos de Kim Jong-Il e Kim Il-Sung – predecessores políticos de Kim Jong-Um. Na legenda: “A Coreia do Norte lutando!”. Ressoam daí sentidos históricos atribuídos ao comunismo – tais como a ideia de luta pela nação e o culto à personalidade –, manifestando o caráter político da imagem e sua relação com o real.

### Texto de Imagem 14 – Monumentos aos governantes da dinastia Kim



Captura de Tela. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJoRZOK18Fg>>

Acesso em: 16 mar. 2016

Na sequência, uma breve imagem de Kim Jong-Un aparece, seguida de um monumento retratando os membros da dinastia Kim cercados por crianças. Ressoa novamente o sentido de patriotismo e populismo da Coreia do Norte, construindo simbolicamente a identidade dessa nação. O vídeo se encerra com um foco completo na bandeira da Coreia do Norte e, na sequência, com uma breve aparição final da âncora.

## 7 CONCLUSÃO: O BOATO É UM GÊNERO (IM)POSSÍVEL?

Nesta dissertação, realizamos a análise de dois boatos de séculos diferentes para analisar o que ressoa neles, de maneira a podermos compreender melhor o funcionamento discursivo dessa materialidade e sua subsequente classificação enquanto gênero.

Um gênero – como debatemos na seção 2.2 desta dissertação – é um tipo de enunciado relativamente estável que possui características discursivas marcantes em sua estrutura. O gênero do texto prenuncia alguns de seus sentidos, elabora um espaço de interpretação e pressupõe algumas regularidades socialmente reconhecidas. Para que possamos reconhecer o boato enquanto gênero, portanto, é necessário elencarmos os elementos que ambas as materialidades estudadas apresentam em comum.

No nível **intradiscursivo**, percebemos uma recorrente tentativa de se criar uma identidade de grupo estereotipada, de forma a construir autorias as quais possam ser atribuídas aos textos. Com uma identidade grupal em jogo, aumenta o espaço de indeterminação característico dos boatos, uma vez que não há figura-autor direta envolvida no processo. Em *Protocolos*, aos judeus é atribuída a autoria através de um posicionamento subjetivo grupal reforçado pelo uso frequente do pronome **nós**. Quanto à Coreia do Norte, a identificação com o grupo se dá pela ressonância das cores da bandeira e pelas apresentações recorrentes de membros da dinastia Kim. Em ambos os boatos, não há alguém específico exercendo a função-autor. Para intensificar a questão da autoria, localizar um autor específico para os textos é um empreendimento complexo: no caso dos *Protocolos*, estamos tratando de um documento que data de antes de 1902, formulado supostamente por um grupo secreto que não é legitimado por instituição alguma. Na Internet, a questão da autoria se revela inerentemente dificultosa: tudo na internet é pretensa autoria. Não há um corpo técnico que legitime o autor como figura confiável. Enquanto que na literatura e na academia há uma série de fatores regulamentares que estabiliza, de maneira mais ou menos fixa, a identidade do sujeito enquanto autor, na internet não há limitação ou controle para a criação, modificação, e efetivação de uma posição de autoria projetada.

Sustentando-se nessa identificação grupal marcada intradiscursivamente, o boato mobiliza o interdiscurso e os pré-construídos para reforçar estereótipos e tirar dos sujeitos qualquer indício de vaguidade. É uma relação de troca: o boato, para funcionar, precisa resgatar pré-construídos predominantes da memória subjetiva para construir nova memória. Um exemplo dessa espécie de resgate ocorre em nosso *corpus*: a imagem, no capítulo analisado dos *Protocolos*, é apontada como elemento de manipulação de massa. O vídeo da

Coreia do Norte ressoará esse pré-construído, pois se projeta nele um efeito de manipulação midiática e imagética governamental.

Outra característica que ressoa em ambos os boatos é a previsão constante de um futuro próximo: em *Protocolos*, os verbos no futuro indicam as supostas intenções dos grupos judeus em relação ao mundo. No vídeo da Coreia do Norte, prenuncia-se o jogo contra Portugal e a vitória da seleção norte-coreana. Há também elementos de indeterminação em ambos os textos. Enquanto o vídeo da Coreia do Norte possui legendas com fortes problemas de coesão e coerência textual, os *Protocolos* contêm notas de rodapé generalizantes e ambíguas:

Vimos no Brasil, como exemplo, a Universidade do Distrito Federal, fundada para fins dissolventes e judaicos [**Quem o afirma e o confirma?**]. Seus mentores e professores [**Quais, por exemplo?**] foram preparados judaicamente no estrangeiro a fim de imporem à mocidade carioca a orientação que lhes traçaram seus mestres [**Quando? Onde?**] (BARROSO, 1989, p. 129)

Ambos os boatos ganham legitimidade na forma de comentários feitos por fontes ora legitimadas, ora colocadas como legítimas, de informação, produzindo efeito pela circulação. No caso dos *Protocolos*, temos autores elevados a uma posição privilegiada de intelectualidade, além de matérias internacionais feitas pelos jornais *The Times* e *The Guardian* que passam o boato adiante. Já no boato da Coreia do Norte, temos veículos de informação como Globo e Record compartilhando o vídeo em matérias onde ressoam indícios de indeterminação. O que nos parece é que o boato não é exatamente uma notícia, mas sim, um texto que atende a alguns critérios de noticiabilidade: ele tem ar de novidade, uma fonte aparentemente confiável (normalmente legitimada previamente por outros autores), se relaciona a um espaço temático. Nesse sentido, notícia não é necessariamente o boato em si, mas sim, o que se faz com ele.

Os boatos carregam em sua estrutura um elemento parafrástico muito forte. Em ambos os casos, os boatos foram escritos através de colagens e leves alterações a textos mais ou menos consagrados anteriormente. Os *Protocolos*, como apresentamos, retêm fragmentos de obras da literatura e da filosofia para significar e fazer sentido. Já o vídeo da Coreia é feito a partir da edição e colagem de vários outros textos de imagem. Ambos ressoam e projetam sentidos anteriormente testados e colocados em circulação, direcionando a interpretação do sujeito, ainda que não a controlando por completo. Trata-se de uma qualidade interdiscursiva dos boatos: eles resgatam textos e memórias para significar. Isso nos leva a outra

característica marcante dessa materialidade. Aqui, ela estabelece ligações imediatas com outros textos que a corroboram, criando condições de produção imediatas de leitura que lhe atribuem legitimidade. A edição brasileira d'*Os Protocolos* traz em sua macroestrutura diversas vozes que buscam garantir a fidedignidade da obra, além de ressoar o discurso antisemita na qual projeta-se a interpretação do texto. O vídeo da Coreia do Norte, e o boato online por excelência, contará não apenas com uma seção de vídeos relacionados que exibem os contornos autoritários do país, mas também com possibilidades praticamente infinitas de pesquisa no próprio navegador de web. Em segundos, ele pode ter acesso a milhares de sites que podem corroborar o boato ou reforçar o estereótipo grupal dos norte-coreanos.

No silêncio, boatos se inserem numa ambiguidade que é desambiguizada por eles mesmos. Em *Os Protocolos*, as informações do plano judaico desambigüizam e “esclarecem” os motivos por trás de convulsões sociais e pobreza mundial. O vídeo da Coreia do Norte, por outro lado, reforça sua própria vaguidade através dos vídeos, uma vez que a restrita comunicação que o mundo tem com o país impossibilita a verificação dos textos de imagem do canal *Korea News Backup*. Nesse sentido, ambos os boatos tanto significam silêncios quanto silenciam, criando um efeito de desambiguização enquanto reforçam a ambigüidade. Boatos se inserem no limiar entre a verdade e a mentira, o relato e a estória.

É por esse motivo que é difícil apontar o boato enquanto gênero. Ele tem suas características marcantes, mas a interpretação dos sujeitos difere da dos pesquisadores e analistas de linguagem. Admitindo que, em contraposição ao gesto pautado no dispositivo teórico do analista, “o gesto de interpretação do sujeito comum [...] se dá em um *dispositivo ideológico* com seu efeito de evidência” (ORLANDI, 2012a, p. 84), concluímos que o boato não é interpretado como tal pelo “sujeito comum” interpelado pela ideologia. Para esse sujeito, o boato constitui uma verdade fatural (ARENDDT, 2011) ou uma **farsa**, uma vez que o leitor se força a interpretar e dar sentido às manifestações de linguagem que o cercam. O que propomos é que o boato se constitui como gênero atrelado à categoria de unidade não tópica do discurso.

A ideia de unidades tópicas e não tópicas parte de Maingueneau (2015) como um objetivo de análise. Para o autor, uma das atividades do analista do discurso é repertoriar e categorizar as atividades discursivas, em um processo ligado ao conceito de **gênero** como proposto por Bakhtin. Maingueneau afirma que as unidades tópicas têm características pré-recortadas e consagradas socialmente, ao passo que as unidades não tópicas são “construídas pelos pesquisadores” (MAINGUENEAU, 2015, p. 66). Conclui-se daí que o boato é um gênero (im)possível – sua possibilidade jaz na análise empregada pelo estudioso desse tipo de

materialidade e na sua relação com os fatos, ao mesmo tempo que há uma impossibilidade de ele ser tomado enquanto **boato** por um sujeito que nem sempre o interpretará como ambíguo.

Portanto, na sua posição de analista – aquele que procura saber como os enunciados fazem sentido dentro de determinadas condições de produção –, o pesquisador se vê obrigado a procurar um distanciamento ideológico e trabalhar com as possibilidades do boato e as suas características fundamentais. Em nossa perspectiva, há pelo menos quatro características basilares para o funcionamento discursivo do boato:

A primeira delas já foi abordada por Orlandi (2012b): o boato não tem autor definido. Ele tem uma autoria pressuposta – normalmente atribuída a algum grupo ou estereótipo caricato – fundada discursivamente. No momento em que se atribui autoria a um boato, seu gênero se transforma sensivelmente: vira relato, notícia, narrativa, plágio.

A segunda característica que encontramos no boato é a de que ele comumente está cercado de textos que constroem condições de produção imediatas que o legitimam. Dos prefácios aos hiperlinks, dos autores consagrados em posições específicas aos pensadores eruditos, o boato vem acompanhado de alguma fonte legitimadora que lhe dá sustentação. Sem tais fontes, o boato não se espalha com a mesma intensidade e nem gera o efeito de veracidade que lhe é peculiar.

A terceira característica é a de que ele se reporta a um tempo que dificilmente é o presente. Suas pretensas verdades explicam o passado ou preveem o futuro. O boato esclarece o que ocorreu e pode causar um efeito de antecipação dentro de sua estrutura. Essas relações com o tempo, por sua vez, ocorrem interdiscursivamente: para tratar do passado e reforçar sua visão de futuro, ele recorre à ressonância de sentidos construídos historicamente.

A quarta característica: intradiscursivamente, o boato contém vários termos ambíguos e classificatórios. Dessa maneira, além de construir uma pressuposta posição-sujeito para tomar a autoria do boato, ele estruturalmente reforça a vaguidade que teoricamente irá sanar.

Tendo tais características em mente, defendemos que o analista pode realizar novas pesquisas sobre boatos e enunciados que causam efeitos semelhantes – tais como Lendas Urbanas e Fofocas, como propõe Difonzo (2009), e, em nossa opinião, propondo uma possível continuidade para o presente trabalho de pesquisa, teorias da conspiração, placebos e certos elementos do discurso político.

Quanto a recomendações para o público geral, cabe aos analistas ressaltar a vaguidade desse gênero discursivo. Com a Internet – e suas grandes possibilidades de apagamento de autoria e de agrupamento de textos legitimadores –, os boatos podem se

espalhar com grande agilidade através de redes sociais, *blogs* e outras ferramentas. É necessário, portanto, exercer uma espécie de letramento em relação ao gênero para sugerir ao leitor certo afastamento. A mesma recomendação é válida para jornalistas que se sentem compelidos a comentar boatos (e, por consequência, espalhá-los no processo) sem antes verificar a procedência deles.

O boato, assim como o discurso, é uma materialidade porosa que reforça a questão dos efeitos ideológicos e sociais da interpretação e a condução do sentido de “coerência” num mundo linguisticamente mediado. Para além dos fatos, o gênero não tópico boato sugere que não há grande distância entre os termos “símbolo”, “realidade” e “verdade” para o sujeito que significa o mundo e é significado na e pela língua.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARROS, Thiago. YouTube muda algoritmo: vídeos relacionados serão exibidos por tempo de visualização. **Techtudo**, 15 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2012/03/youtube-muda-algoritmo-videos-relacionados-serao-exibidos-por-tempo-de-visualizacao.html>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

BARROSO, Gustavo. **Os Protocolos dos Sábios de Sião**. Porto Alegre: Revisão, 1989.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CASTAN, S.E. Observações finais. In: BARROSO, Gustavo (Org.) **Os Protocolos dos Sábios de Sião**. Porto Alegre: Revisão, 1989.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CONAN, Éric. Les secrets d'une manipulation antisémite. **L'Express**. Paris: 16 nov. 1999

COURTINE, Jean Jacques. **Metamorfoses do discurso político**. São Carlos: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

CREUTZ, W. A autenticidade dos protocolos dos sábios de sião. In: BARROSO, Gustavo (Org.). **Os Protocolos dos Sábios de Sião**. Porto Alegre: Revisão, 1989.

CRUZ, Natália dos Reis. **Negando a história: a editora Revisão e o neonazismo**. 1997. 240p. Dissertação (Mestrado em História Social)–Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1997.

DIFONZO, Nicholas. **O poder dos boatos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

ECO, Umberto, **Six walks through fictional woods**. Cambridge: Harvard University Press, 1994. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=OVlc7GZWvB8C&hl=pt-BR&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.com.br/books?id=OVlc7GZWvB8C&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s)>. Acesso em: 20 jul. 2015.

\_\_\_\_\_, Umberto. **Foucault's Pendulum**. England: Vintage Classics, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: EISNER, Will. **O complô: a história secreta dos protocolos dos sábios de sião**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **O cemitério de Praga**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

EISNER, Will. **O complô: a história secreta dos protocolos dos sábios de sião**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PRADO FILHO, Kleber. **Michel Foucault: Uma história política da verdade**. Rio de Janeiro: Insular, 2006.

FINZI, Roberto. **Anti-semitism: from its european roots to the holocaust**. Northampton: Interlink Books, 1999. Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books/about/Anti\\_Semitism.html?id=jiXOL7OS1BIC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Anti_Semitism.html?id=jiXOL7OS1BIC&redir_esc=y)>. Acesso em: 20 jul. 2015.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

GRAVES, Phillip. Jewish world plot, an exposure: the source of the Protocols. **The Times**, Londres, p. 9-10, 16 ago. 1921. Disponível em: <<http://emperors-clothes.com/antisem/times-pdf.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

HITCHENS, Cristopher. **Amor, pobreza e guerra**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega. **Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância**. São Paulo: UNESP, 2006.

LAMBELIN, Roger. O perigo judaico. In: BARROSO, Gustavo (org.) **Os Protocolos dos Sábios de Sião**. Porto Alegre: Revisão, 1989.

LOPES, Gilmar. Vídeo mostra que Coreia do Norte está na final da copa de 2014! **E-farsas**, 13 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.e-farsas.com/video-mostra-que-coreia-esta-na-final-da-copa-2014.html>>. Acesso em 20 jul. 2015.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

\_\_\_\_\_. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. São Paulo: Pontes, 2003.

MORAIS, Maurício Cid Fernandez. Desafio aceito 25: fazer da Coreia do Norte campeã da copa! **Não Salvo**, 24 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.naosalvo.com.br/desafio-aceito-25-fazer-da-coreia-do-norte-campea-da-copa/#>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: BENTES, Anna Christina, MUSSALIM, Fernanda. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni. Discurso, imaginário social e acontecimento. **Em aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, p. 52-59, 1994.

\_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. São Paulo: Ed. Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_. **Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 6. ed. São Paulo: Pontes, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2012b.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 11. ed. São Paulo: Pontes, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. São Paulo: Ed. Unicamp, 2014.

\_\_\_\_\_. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2015.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: BENTES, Anna Christina; Mussalim, Fernanda. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, v. 3. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

QUEIROZ, Patrícia. Judeus: os donos do mundo. **Superinteressante**, São Paulo, n. 218a, out. 2005.

RAMONET, Ignácio. **A tirania da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de iniciação científica: os primeiros passos da pesquisa científica desde a concepção até a produção e a apresentação**. Palhoça: Ed. Unisul, 2015.

REVUZ, Jacqueline Authier. Hétérogénéité(s) Énonciative(s). **Langages 73**. Paris, Larousse, mars 1984. p. 98-111.

RODRIGUEZ, Diogo Antonio. Fato ou boato? Os protocolos dos sábios de sião. **Mundo Estranho**, São Paulo, n. 144, p. 8-9, out. 2013.

ROSENFELD, Anatol. **Mistificações literárias**: “os protocolos dos sábios de sião”. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ROSNOW, Ralph L., FOSTER, Eric K.. Rumor and gossip research. **American Psychological Association**, 2005. Disponível em:  
<<http://www.apa.org/science/about/psa/2005/04/gossip.aspx>>. Acesso em 31 jan. 2016.

RUIC, Gabriela. 12 coisas bizarras que a Coreia do Norte fez em 2014. **Exame**, 17 dez. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/12-coisas-bizarras-que-a-coreia-do-norte-fez-em-2014>>. Acesso em 20 jul. 2015.

SERRANI, Silvana. Relação leitura-escrita e sensibilização ao discurso. **Revista Anpoll**, Florianópolis, n. 12, p. 273-294, 2º, 2002.

\_\_\_\_\_. **Discurso e cultura na aula de língua**. São Paulo: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. Identidade e Representação do Brasil em Antologias Poéticas Bilíngües. In: M. J. Coracini; M. Grigoletto e M. I. Magalhães (Orgs). **Práticas Identitárias e Linguística Aplicada**, 2006. p. 97-116.

SIEBERT, Silvânia. **Crônicas em antologias, suas adaptações audiovisuais e os sentidos**: o gênero na formação intercultural em comunicação social. 2012. 173p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)–Programa de Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, 2005. Disponível em:  
<<http://200.144.189.42/ojs/index.php/estudos/article/viewFile/5931/5402>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

SOUZA, Tânia Clemente de. Discurso e imagem: perspectivas de análise não verbal. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 1, 1998. Disponível em:  
<<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/240/128>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. A análise do não verbal e o uso das imagens nos meios de comunicação. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro n. 6, 2001. Disponível em:  
<<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/323/204>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. Gestos de interpretação e olhar(es) nas fotos de Curt Numiendajú: índios no Brasil. **Revista FSA**, Teresina, v. 10, n. 2, 2013. Disponível em: <  
<<http://www4.fsnet.com.br/revista/index.php/fsa/article/viewFile/144/93>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

SUNSTEIN, Cass R. **A verdade sobre os boatos**: como se espalham e por que acreditamos neles. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

VIDEO..., Vídeo de suposto jornal diz que Coreia do Norte foi às oitavas e fez 7 a 0 no Japão. **Globo Esporte**, 12 jul, 2014. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/platb/meiodecampo/2014/07/12/video-de-suposto-jornal-diz-que-coreia-do-norte-foi-as-oitavas-e-fez-7-a-0-no-japao/>> Acesso em: 21 mar. 2016.

VIDEO..., Vídeo bizarro que circula na internet põe Coreia do Norte na fase final da Copa. **R7**, 13 jul. 2014. Disponível em: <<http://esportes.r7.com/futebol/copa-do-mundo-2014/video-bizarro-que-circula-na-internet-poe-coreia-do-norte-na-fase-final-da-copa-13072014>> Acesso em: 21 mar. 2016.

VILCHES, Lorenzo. **La lectura de la imagen**. Barcelona: Paidós, 1997.

WEAVER, Walter. **The historical Jesus in the Twentieth Century**: 1900-1950. Harrisburg: Trinity Press, 1999.